

Universidade de Brasília
Centro de Excelência em Turismo

TURISMO INFORMACIONAL
O início de uma nova fase

Yuli de Lima Hostensky

Deis Elucy Siqueira

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Turismo e Hospitalidade.

Brasília – DF, fevereiro de 2004

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Centro de Excelência em Turismo
Curso de Especialização para Professores e Pesquisadores
em Turismo e Hospitalidade

TURISMO INFORMACIONAL
O início de uma nova fase

Yuli de Lima Hostensky

Banca Examinadora

Deis Elucy Siqueira, Doutora em Sociologia
Orientadora

Cléria Botelho, Doutora em História Social
Membro da Banca Examinadora

Brasília – DF, 02 de fevereiro de 2004

Hostensky, Yuli de Lima
Turismo Informacional: o início de uma nova fase / Yuli de Lima Hostensky. - Brasília UnB/CET, 2003. 70 p.
Monografia – (Especialização em Turismo e Hospitalidade) –
Universidade de Brasília, Centro de Excelência em Turismo.
Área de concentração: Turismo
Orientadora: Deis Elucy Siqueira

1. Turismo 2. Sociedade pós-industrial 3. Informacionalismo

YULI DE LIMA HOSTENSKY

TURISMO INFORMACIONAL
O início de uma nova fase

Comissão Avaliadora

Professora Orientadora

Membro da Banca Examinadora

Membro da Banca Examinadora

Brasília – DF, 02 de fevereiro de 2004

Para os meus pais, Constancia e Aymoré, cujo apoio, carinho e incentivo foram fundamentais para a elaboração desta monografia.

Gostaria de agradecer, sinceramente, à minha orientadora, prof^a Deis, por ter confiado na minha capacidade de redigir este trabalho em poucas semanas. Espero não tê-la desapontado.

Um novo mundo está tomando forma neste fim de milênio. Originou-se mais ou menos no fim dos anos 60 e meados da década de 70 na coincidência histórica de três processos independentes: revolução da tecnologia da informação; crise econômica do capitalismo e do estatismo e a conseqüente reestruturação de ambos; e apogeu de movimentos sociais e culturais, tais como libertarismo, direitos humanos, feminismo e ambientalismo. A interação entre esses processos e as reações por eles desencadeadas fizeram surgir uma nova estrutura social dominante, a sociedade em rede; uma nova economia, a economia informacional/global; e uma nova cultura, a cultura da virtualidade real. A lógica inserida nessa economia, nessa sociedade e nessa cultura está subjacente à ação e às instituições sociais em um mundo interdependente.

Manuel Castells

Resumo

Ao mesmo tempo em que uma nova sociedade começava a se formar a partir de meados da década de 50, o turismo registrava os primeiros sinais de retomada de crescimento. A estrutura social emergente naquele período foi denominada de “sociedade pós-industrial” e a etapa de desenvolvimento do turismo que teve início naquela ocasião recebeu o nome de “turismo de massas”. Uma vez que surgiram no mesmo período histórico, os fatores e características da sociedade pós-industrial foram incorporados nas explicações sobre o crescimento do turismo de massas. Nos anos 90, as principais afirmações e previsões dos teóricos do pós-industrialismo sofreram ressalvas de ordem teórica e empírica que afetam profundamente os estudos turísticos. O informacionalismo consolida-se como esquema conceitual para interpretar as mais recentes transformações na sociedade, na economia e na cultura, e implica uma redefinição na data e no nome da última fase de desenvolvimento do turismo. As crises do petróleo dos anos 70 é o acontecimento histórico proposto como marco inicial deste novo estágio. Turismo informacional é o nome sugerido para esta nova fase.

Palavras-chave: turismo; sociedade pós-industrial; informacionalismo.

Abstract

At the same time that a new society has begun to take place in the middle of fifty's, the tourism registered the firsts signs of growing retake. The social structure emergent in that period was denominated "post-industrial society" and the stage of tourism development received the name of "mass tourism". Because they have appeared in the same historic period, the factors and characteristics of post-industrial society was incorporated in explanations about mass tourism growth. In the ninety's, the main affirmation and forecasting of post-industrialism researchers was object of exception in theoretical and empiric order that affected tourism studies deeply. The informationalism become the conceptual schema to interpret the most recent transformations on society, economic and culture, and redefine the date and name of the last phase of tourism development. The oil crisis in seventy's is the historic event proposed as initial mark of this new stage. Informational tourism is the name suggested for this new phase.

Keywords: tourism; post-industrial society; informationalism.

Prefácio

Esta monografia tem origem no texto elaborado em agosto de 2002 para a disciplina *Construção sócio-histórica do turismo e da hospitalidade*, ministrada pelas professoras Maria Salete Kern Machado e Deis Elucy Siqueira, durante o segundo módulo do Curso de Especialização para Professores e Pesquisadores em Turismo e Hospitalidade do Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília. Neste texto, intitulado *Será o turismo a 'bola da vez' na sociedade brasileira contemporânea?*, o objetivo foi identificar os pressupostos e os significados do crescente interesse pelo turismo no Brasil. Após apresentar dados que comprovam o aumento da atração exercida pelo turismo, descrevi sucintamente as principais representações sociais de pesquisadores acadêmicos, empresários e políticos sobre o tema.

No imaginário social destes atores predomina um certo otimismo em relação aos possíveis efeitos benéficos do turismo nas comunidades receptoras, apesar dos recorrentes alertas feitos por alguns estudiosos sobre os perigos de se considerar o turismo como uma panaceia para os históricos problemas econômicos e sociais do Brasil. O texto conclui com a observação de que este otimismo parece seguir em caminho oposto ao desenvolvimento da sociedade brasileiras nas últimas décadas, marcada pelo acirramento das desigualdades sociais, precarização das condições de trabalho, aumento da informalidade e do desemprego, redução da renda real arbitrária e esfacelamento do projeto de construção de um Estado de bem-estar social, que nem chegou a se concretizar por aqui. A presente monografia visa retomar de forma mais ampla e consistente algumas idéias apenas sugeridas naquele texto inicial e analisar criticamente a influência das teorias do pós-industrialismo sobre os fatores associados ao crescimento da demanda e da oferta de turismo.

Sumário

Introdução.....	11
Duas visões da sociedade pós-industrial.....	15
Introdução	15
Daniel Bell: uma tentativa de previsão social	16
De Masi: desenvolvimento sem trabalho	21
Fatores e características da sociedade pós-industrial associados ao crescimento do turismo	30
Introdução	30
Fatores propulsores da sociedade pós-industrial e do turismo de massas.....	36
a. Revolução científica e tecnológica	38
b. Ciências organizacionais.....	41
c. Globalização	44
d. Escolaridade.....	45
e. Mass media	46
Características da sociedade pós-industrial interpretadas como benéficas para o crescimento do turismo	46
a. Mudança na ordem mental: novas necessidades e valores	46
b. Inversão da relação entre empresa e sociedade	51
c. Mudança na ordem existencial	52
d. Mudança na ordem urbana.....	53
O turismo na sociedade em rede	54
Introdução	54
Castells: capitalismo informacional	56
Turismo informacional: o início de uma nova fase.....	61
Considerações finais.....	65
Referências bibliográficas	69

Introdução

Os fantásticos índices de crescimento do turismo nos últimos anos têm despertado o interesse de pesquisadores dos mais variados meios acadêmicos de todo o mundo. A extensa, crescente e diversificada bibliografia produzida por um contingente cada vez maior de pesquisadores torna praticamente impossível um exame abrangente e uma avaliação crítica do material publicado nas revistas acadêmicas especializadas em turismo e nos periódicos de pesquisa de outras disciplinas que enfocam o turismo. Diante desta dificuldade, alguns pesquisadores têm proposto critérios classificatórios para agrupar esta vasta produção bibliográfica. Uma das formas de classificar trabalhos sobre turismo é por área de conhecimento. O pioneiro e mais bem-sucedido nesta tarefa foi Jafar Jafari, editor-chefe do jornal internacional *Annals of Tourism Research* que, em parceria com N. H. H. Graburn, convidou eminentes acadêmicos para que cada um fizesse uma revisão crítica da pesquisa em turismo em sua respectiva disciplina (Weiler, 2001: 87).

Uma outra forma de agrupar os estudos sobre turismo é a partir da perspectiva da demanda ou da oferta. Os estudos de origem ou demanda turística costumam abordar as transformações na estrutura social que afetam as condições e motivações das pessoas para viajar, tais como avanços tecnológicos, renda, tempo livre e nível educacional. Os estudos sobre destinos ou ofertas turísticas, por sua vez, tratam, entre outros temas, dos benefícios que o turismo traz ou parece trazer para as comunidades receptoras de fluxos turísticos. Estes benefícios têm despertado o interesse de empresários e gestores de políticas públicas em todo o mundo (Pearce, 2002: 14).

Este segundo tipo de classificação dos estudos sobre turismo permite a adoção de uma perspectiva transdisciplinar, pois tanto a oferta quanto a demanda podem ser objeto de estudo de um grupo de especialistas do mais alto nível.¹ A necessidade de abordar o turismo de uma perspectiva transdisciplinar tem se tornado um consenso cada vez maior entre os mais renomados pesquisadores por dois motivos principais. Primeiro, o turismo é considerado um fenômeno extremamente complexo que influencia e é influenciado pelos

¹ Atualmente, o debate sobre algumas tendências de ensino e da pesquisa tem como foco central a questão da disciplinaridade, que pode ser restringida em três conceitos básicos: *pluridisciplinaridade* ou *multidisciplinaridade*, *interdisciplinaridade* e *transdisciplinaridade*. “Tais conceitos podem ser explicados mediante uma gradação na esfera da coordenação e cooperação entre as disciplinas (...), [sendo a *transdisciplinaridade*] o estado ideal para o desenvolvimento de estudos e pesquisas em uma área interdisciplinar como o turismo (Rejowski, 1996: 21-2)”.

mais diversos setores produtivos. Segundo, a teoria sobre o turismo ainda se encontra em estágios iniciais de desenvolvimento, tendo apresentado poucos avanços além da construção de modelos e classificações propostas há aproximadamente 30 anos atrás. Para superar esta fase de “infância teórica” e se constituir em um ramo autônomo do saber científico – a exemplo do que ocorreu com a ecologia – o turismo deve recorrer ao complexo teórico e técnico de outras ciências que possuem as bases teóricas e metodológicas já consolidadas.

Nesse sentido, a sociologia assume papel fundamental como uma das muitas disciplinas científicas que tratam o turismo como objeto de estudo. Pelo lado da demanda turística, as pesquisas sociológicas concentram-se no estudo do turista e de sua relação com a comunidade local. Do ponto de vista da oferta, a sociologia volta-se para o estudo da estrutura e funcionamento do sistema turístico, bem como para a análise do papel e das consequências do turismo nas sociedades contemporâneas (Dias, 2002: 18).

Seja como objeto de estudo, seja como um ramo do conhecimento que almeja ascender ao *status* de disciplina científica, o turismo vem contribuindo para deixar um número cada vez maior de cientistas sociais perplexos diante da sua capacidade de desencadear transformações na estrutura social e se consolidando como uma área de estudos especiais dentro da Sociologia Geral.

Uma evidência do gradativo reconhecimento do turismo como objeto de estudo das ciências sociais pode ser observada na trajetória de institucionalização dos pesquisadores do turismo na Associação Internacional de Sociologia (International Sociological Association – ISA), uma das mais importantes congregações de sociólogos de todo o mundo. Este processo teve início com a criação de uma seção autônoma de sociologia do turismo no XII Congresso Mundial de Sociologia, realizado em Madri, Espanha, em 1990, e culminou com a sua transformação em um grupo de pesquisa permanente, denominado Grupo de Trabalho, quatro anos depois, no XIII Congresso Mundial, realizado na Alemanha (Apostolopoulos, 2002: 8. Citado em Dias, 2002: 22).

Pela mão de Alice o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos expressa sua perplexidade diante das transformações ocorrida nas duas últimas décadas do século XX na forma de cinco desafios à imaginação sociológica que – segundo suas previsões - ocuparão a mente dos cientistas sociais nos próximos anos. Pelo menos dois destes desafios estão

diretamente relacionados com a intensificação do fluxo de pessoas ao redor do mundo e ampliação da interdependência transnacional: a centralidade do Estado nacional como unidade de análise sociológica e o desabrochar de novas identidades locais, regionais e virtuais. Segundo o professor da Universidade de Coimbra, “o exercício das nossas perplexidades é fundamental para identificar os desafios a que merece a pena responder. Afinal todas as perplexidades e desafios resumem-se num só: em condições de aceleração da história como as que hoje vivemos é possível pôr a realidade no seu lugar sem correr o risco de criar conceitos e teorias fora do lugar? (Santos, 1994: 22)”.

Este risco é particularmente evidente no turismo que, na falta de um corpo de conhecimentos técnicos e teóricos próprio, recorre ao arcabouço de outras disciplinas que, por sua vez, encontram-se em processo de revisão de teorias e conceitos. E este risco torna-se ainda maior nos estudos que associam o crescimento da demanda por turismo às teorias do pós-industrialismo. Não é raro encontrar afirmações genéricas que atribuem o crescimento no turismo na segunda metade do século XX ao advento da sociedade pós-industrial. Analisar como a literatura sobre turismo disponível em língua portuguesa incorpora as principais teses dos teóricos da sociedade pós-industrial e apontar o impacto de algumas revisões conceituais sobre a teoria do turismo é o objetivo central desta monografia.

Para melhor organizar a abordagem pretendida, o conteúdo da presente monografia está dividido em três capítulos. No primeiro, intitulado *Duas visões da sociedade pós-industrial*, são apresentadas as idéias de Daniel Bell e Domenico De Masi sobre a nova sociedade que começou a tomar forma nos países mais avançados do ocidente a partir de meados dos anos 50. O primeiro autor foi escolhido por ser o pioneiro e mais influente autor sobre a sociedade pós-industrial. O segundo, por expandir as consequências do pós-industrialismo sobre o mercado de trabalho e a cultura.

A relação entre sociedade pós-industrial e turismo é abordada no segundo capítulo desta monografia. Ao invés de uma análise por autores, como a empreendida no capítulo inicial, optou-se por uma sequência de temas. Os elementos propulsores do advento da sociedade pós-industrial, bem como as características desta nova sociedade, tal qual assinaladas por De Masi, são inter-relacionados um a um com os fatores clássicos de expansão da demanda por turismo amplamente aceitos pelos estudiosos do tema. Nesta parte é feita uma análise de como alguns autores dedicados ao estudo do turismo

respondem a perguntas do tipo: como a revolução científica e tecnológica, que propiciou o surgimento da sociedade pós-industrial, contribuiu para o crescimento do turismo; ou como a nova ordem mental da sociedade pós-industrial, marcada pelo crescimento de novas necessidades e valores, tem contribuído para o crescimento das viagens de lazer. Parte-se do pressuposto de que as respostas fornecidas a estas perguntas constituem a argumentação principal das teses sobre o crescimento do turismo, implícita em diversos livros e artigos.

No terceiro capítulo desta monografia são feitas algumas ressalvas nas principais afirmações e previsões que compõem as teses centrais do pós-industrialismo e proposto a teoria do *informacionalismo*, elaborada por Manuel Castells, para interpretar as mudanças na forma de organização das sociedades. Em seguida, a influencia do informacionalismo sobre a mais recente etapa de desenvolvimento do turismo é analisada.

As considerações finais apresentam uma síntese de toda a reflexão desenvolvida ao longo da monografia e sugerem novos desafios para estudos posteriores sobre turismo.

Duas visões da sociedade pós-industrial

Introdução

Em seu clássico ensaio intitulado *O Advento da Sociedade Pós-industrial: uma tentativa de previsão social*, publicado originalmente em 1973, com um excelente novo prefácio de 1976, Daniel Bell assinala que por volta da segunda metade da década de 50, pela primeira vez na história da humanidade, o setor terciário torna-se responsável pela produção de mais da metade dos empregos e do Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados Unidos. Ele identifica neste fato a mais simples e perceptível característica de uma nova estrutura social que se consolidaria no início do século XXI, segundo suas previsões.

O sociólogo italiano, Domenico De Masi, pode ser considerado muito mais um intérprete das teses da sociedade pós-industrial do que propriamente um teórico da nova estrutura social emergente a partir da II Guerra Mundial. No livro que organizou em 1999, intitulado *A sociedade pós-industrial*, De Masi assinala a existência de mais de 300 denominações para a nova estrutura social. Ao invés de propor um termo a mais, ele adota a expressão sociedade pós-industrial por comodidade, por ser a expressão já consolidada nos mais diversos meios intelectuais e por indicar aspectos de uma sociedade emergente. Alguns destes aspectos referentes às transformações na forma e na substância do trabalho, bem como algumas mudanças na esfera da cultura, são delineados em trabalho publicado no mesmo ano sob o título de *O futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial*. Ambos os trabalhos alcançaram bastante sucesso editorial no Brasil, fazendo do professor da Universidade de Roma presença freqüente em nossos programas de TV, seminários de motivação empresarial e publicações sobre turismo.

Muito mais do que buscar semelhanças ou diferenças entre estes dois autores, o objetivo deste capítulo inicial é resgatar a concepção clássica de sociedade pós-industrial, tal qual definida por um de seus teóricos mais competentes e assinalar como alguns aspectos desta teoria fundamentam as transformações na esfera do trabalho e do lazer que tem exercido uma forte influência nos estudos sobre o turismo.

Daniel Bell: uma tentativa de previsão social

O sociólogo norte americano Daniel Bell é considerado um dos primeiros e mais influentes teóricos do pós-industrialismo. No início da década de 70 ele empregou o termo “sociedade pós-industrial” para enfatizar a natureza transitória de algumas mudanças na estrutura social norte-americana e sublinhar a crescente importância de uma “tecnologia intelectual”. Para Bell, os arcabouços sociais elaborados pelos cientistas sociais não são “reflexos” de uma realidade social nem exaurem esta realidade, mas, na verdade, esquemas conceituais.

Cada esquema conceitual funciona como um prisma que seleciona algumas características ao invés de outras para iluminar mudanças históricas ou responder certas questões. O termo sociedade pós-industrial é o prisma proposto por Bell para iluminar as mudanças históricas ocorridas nos EUA nos Estados Unidos a partir da segunda metade da década de 50 e responder questões sobre a influência da tecnologia sobre a estrutura social, o sistema político e a cultura. Portanto, devemos entender a expressão sociedade pós-industrial como elemento do esquema conceitual elaborado por Bell para fazer algumas previsões sobre o futuro.

O esquema conceitual utilizado por Bell é um dispositivo que se baseia em um princípio axial e tem uma estrutura axial. Este dispositivo é utilizado por Bell para duas finalidades diferentes, porém complementares. Primeiro, como uma ferramenta metodológica para realizar um novo tipo de análise da teoria social. Os prismas conceituais são ordenadores lógicos impostos pelos analistas na ordem factual variada e complexa. Bell afirma que muitos mestres das ciências sociais utilizaram a idéia de princípio axial e estrutura axial de forma implícita em suas formulações. Assim, para Max Weber, o processo de racionalização é um princípio axial para entender a transformação da sociedade tradicional para a moderna no mundo ocidental. Para Marx, a produção de commodities é o princípio axial do capitalismo, e a firma de negócios é a sua estrutura axial. Além de poder estabelecer correlações entre os esquemas conceituais dos maiores mestres das ciências sociais, estes dispositivos também permitem a adoção de pontos de vista múltiplos na tentativa de entender a mudança social dentro de um esquema conceitual particular.

Thus the terms feudalism, capitalism, and socialism are a sequence of conceptual schemes, in the Marxist framework, along axis of property relations. The terms pre-industrial, industrial, and post-

industrial societies are conceptual sequence along the axis of production and the kind of knowledge that are used (Bell, 1976: 11).

A Segunda finalidade do princípio axial e da estrutura axial proposta por Bell é de ordem empírica e visa identificar o caráter substantivo da mudança estrutural. Sem dúvidas, a definição mais influente de sociedade e mudança estrutural foi proposta por Marx. Para Marx, o modo de produção (ou a subestrutura de base econômica de uma sociedade) determina e engloba todas as outras dimensões de uma sociedade. Marx também previu que a industrialização como uma característica avançada da produção capitalista se espalharia pelo mundo e, finalmente, produziria uniformidade nos modos de produção e condições de vida. Provavelmente, estes são os dois aspectos da teoria marxista mais debatidos e criticados de todos os tempos, e dos quais Bell tenta se afastar.

Para Bell, Marx fez estas formulações porque considerou que o modo de produção uniu relações sociais e forças de produção sob uma única rubrica histórica. Assim, as relações sociais são, primariamente, relações de propriedade. E as forças de produção, relações tecnológicas. Para cada um destes aspectos do pensamento de Marx, Bell propõe uma alternativa metodológica. Para o primeiro aspecto, Bell propõe que a dimensão da subestrutura da sociedade seja descasada da superestrutura. Desta forma, fica quebrada a relação de causalidade entre a subestrutura e a superestrutura concebida por Marx, embora Bell reconheça que em determinados períodos históricos um princípio axial torne-se tão importante a ponto de determinar a maioria das outras relações sociais como ocorreu no modo de produção capitalista do século XIX. Contudo, Bell faz questão de enfatizar que isto é diferente de afirmar que as relações de produção determinam as relações sociais.

Para abandonar a idéia proposta por Marx de que a industrialização nos moldes ocorridos na Inglaterra será o caminho de outras sociedades, Bell propõe como saída metodológica a separação entre os conceitos de relações sociais e forças de produção. Ao separar estes conceitos, surge a oportunidade de especificar diferentes esquemas de desenvolvimento social: feudal, capitalista e socialista; pré-industrial, industrial e pós-industrial; autoridade política patriarcal, patrimonial e burocracia racional-legal. Segundo Bell, nenhum destes esquemas de desenvolvimento social se confunde ou pode ser subsumido ao outro. Com esta observação, Bell procura refutar a interpretação de que o pós-industrialismo sucederia o modo de produção capitalista industrial. Para Bell, trata-se de dois modos de desenvolvimento social diferentes, organizados ao longo de diferentes

eixos. “The post-industrial schema refers to the socio-technical dimension of a society, capitalism to the socio-economic dimension (Bell, 1976: X)

Separar estes dois conceitos também permite a Bell evitar a “lei de aço do desenvolvimento social”, proposta por Marx, segundo a qual a industrialização seria o estágio avançado do capitalismo que se desenvolveria em todo o mundo e produziria uma uniformidade nos modos de produção e nos estilos de vida. Bell nega o determinismo histórico que levou Marx a acreditar que a industrialização da Inglaterra seria o prenúncio do destino de todas as outras sociedades. Para Bell, o modo de produção não unifica a sociedade. As diferenças nacionais não só não tem desaparecido, como tem aumentado em função de fatores históricos, políticos, culturais, econômicos e tecnológicos. “There are no unilineal sequences of societal change, no ‘laws of social development’ (Bell, 1976: XII)”.

Esta concepção é importante, pois permite a Bell analisar sociedades que estão localizadas em diferentes espectros de seu esquema conceitual. Esta observação é particularmente pertinente aos propósitos deste trabalho, que visa interpretar a maneira como as teses apresentadas pela teoria da sociedade pós-industrial são absorvidas por estudiosos dedicados ao turismo.

Assim como um sistema social não substitui o outro, as partes de um mesmo esquema conceitual também não originam ou substituem as outras. Para Bell, são princípios analíticos independentes. Teoricamente, Bell entende que da mesma forma que a idéia de industrialismo não deriva do modo agrário, o pós-industrialismo não deriva do industrialismo. “And similarly, the strategic role of theoretical knowledge as the new basis of technological innovation, or the role of information in re-creating social process, does not derive from the role of energy in creating a manufacturing or fabricating society (Bell, 1976: XIII).

A sociedade pós-industrial não substitui a sociedade industrial que, por sua vez, não anulou os setores agrários da economia. Ou seja, as partes de um mesmo esquema conceitual não se confundem umas com as outras porque possuem princípios e estruturas axiais diferentes. Entender esta colocação teórica também é importante para compreender um dos argumentos centrais da tese de Bell: o crescimento da disjunção entre as partes que compõem a estrutura social, que passam a operar sob princípios axiais distintos e, até mesmo, contrários uns aos outros.

Novamente, neste ponto, Bell constrói seu argumento de forma paralela ao esquema conceitual de Marx. Ele afirma que quando o capitalismo cresceu como um sistema sócio-econômico, havia uma tênue unidade: “an ethos (individualism), a political philosophy (liberalism), a culture (a bourgeois conception of utility and realism) and a character structure (respectability, delayed gratification, and the like) (Bell, 1976: XXI). Na sociedade pós-industrial esta unidade é rompida com o crescimento da importância da tecnologia na reestruturação da estrutura social. Estas idéias podem ser mais bem compreendidas se partirmos da concepção analítica de sociedade proposta por Bell. Para isso, nada melhor do que as próprias palavras do autor.

Analytically, society can be divided into three parts: the social structure, the polity, and the culture. The social structure comprises the economy, technology, and the occupational system. The polity regulates the distribution of power and adjudicates the conflicting claims and demands of individuals and groups. The culture is the realm of expressive symbolism and meanings. It is useful to divide society in this way because each aspect is ruled by a different axial principle. In modern Western society the axial principle of the social structure is *economizing* – a way of allocating resources according to principle of least cost, substitutability, optimization, maximization, and the like. The principle of the modern polity is *participation*, sometimes mobilized or controlled, sometimes demanded from below. The axial principle of the culture is the desire of fulfillment and enhancement of the self. In the past, these areas were linked by a common value system (and in bourgeois society through a common character structure). But in our time there has been an increasing disjunction of three and, for reasons I discuss in the Coda, this will widen (Bell, 1976: 12-3).

Bell afirma que o conceito de Sociedade pós-industrial lida, primariamente, com mudanças na estrutura social e, secundariamente, com as transformações que acarreta na política e na cultura. Portanto, o foco de interesse de Bell é a mudança na economia, tecnologia e sistema ocupacional. Embora evite estabelecer uma relação de causalidade entre as transformações na estrutura social e as mudanças ocorridas na política e na cultura, Bell elege a tecnologia como elemento primordial no processo de reconfiguração de todas as três dimensões da sociedade.

Feitas estas considerações de ordem metodológica e analítica, é hora de iniciar à exposição das idéias de Bell sobre as características da sociedade pós-industrial. Para Bell, a sociedade pós-industrial é uma generalização ampla, dividida em cinco componentes para melhor entendimento de seu significado.

1 – Criação de uma economia de serviços. Dividir analiticamente a sociedade em três setores – primário (agricultura), secundário (manufatura e indústria) e terciário (serviços) – é idéia de Colin Clark, apresentada na década de 40 no livro intitulado *Conditions of Economic Progress*. Segundo Bell, Clark foi o primeiro economista a perceber uma mudança na composição da força de trabalho nos Estados Unidos. A

proporção de pessoas empregadas no setor terciário é o primeiro e mais simples critério adotado por Bell para definir uma sociedade como pós-industrial. Mas não é em todo e qualquer tipo de serviço. Esta ressalva conduz à segunda característica da sociedade pós-industrial.

2 – *Preeminência de uma classe técnica e profissional*. O setor serviços é uma categoria analítica definida residualmente, que envolve tudo que não pode ser englobado no setor primário ou secundário. Contudo, definir serviços desta forma residual e genérica pode encobrir as verdadeiras tendências das mudanças na estrutura social. Para superar este obstáculo, Bell propõe subdividir o setor de serviços em: serviços pessoais (varejo, lavanderia, oficinas, salão de beleza); negócios (bancos e finanças, imobiliárias, seguros); transporte, comunicação e utilidades; e saúde, educação, pesquisa e administração pública. Para Bell, é apenas o crescimento deste último subsetor, composto majoritariamente por empregos de caráter técnico ou profissional que requerem algum tipo de qualificação educacional para o seu exercício, que é decisivo para uma sociedade pós-industrial. Contudo, a criação de uma economia de serviços e a expansão de uma classe técnica e profissional não são suficientes para entender os fundamentos da mudança estrutural e definir a emergência da sociedade pós-industrial. É preciso, sobretudo, definir o princípio axial que estabelece um esquema conceitual, a terceira e principal característica da sociedade pós-industrial.

3 – *Primazia do conhecimento teórico*. O conhecimento sempre foi funcional em qualquer sociedade. O que é decisivo na sociedade pós-industrial é a mudança do caráter do próprio conhecimento. Esta mudança se expressa de duas formas: primazia da teoria sobre o empiricismo e codificação do conhecimento em sistemas abstratos de símbolos que podem ser utilizados de muitas maneiras diferentes e em várias áreas de experiência. A primeira mudança pode ser vista na relação entre ciência e tecnologia. “The advances in a field become increasingly dependent on the primacy of theoretical work, which codifies what is known and points the way to empirical confirmation. In effect, theoretical knowledge becomes the strategic resource, the axial principle, of a society (Bell, 1976: 26)”. De uma certa forma, este componente torna possível a quarta característica da sociedade pós-industrial descrita por Bell.

4 – *Planejamento da tecnologia*. Com as novas modalidades de previsão tecnológica, os efeitos colaterais muitas vezes negligenciados e involuntários do desenvolvimento

tecnológico poderão ser planejados e controlados. A tecnologia para isto está disponível. O que se faz necessário é o estabelecimento de critérios políticos para a regulamentação das novas tecnologias.

5 – *O aparecimento de uma nova tecnologia intelectual*. “Tecnologia intelectual” é o nome dado por Bell às aplicações dos progressos obtidos na área da teoria da probabilidade, na teoria sofisticada de conjuntos e na teoria do jogo e da decisão para a solução de problemas de “complexidade organizada”. Os principais problemas de complexidade organizada referem-se à maneira de dirigir os sistemas em grande escala, sistemas com um grande número de variáveis interatuantes, variáveis que têm de ser coordenadas para atingir suas metas específicas. As aplicações desses novos desenvolvimentos recebem o nome de tecnologia intelectual por dois motivos. Primeiro, para indicar o uso do conhecimento científico para especificar as maneiras de fazer as coisas de um modo *reprodutível*. Isto só é possível substituindo os julgamentos intuitivos por um conjunto de instruções baseadas em alguma fórmula estatística ou matemática. Segundo, porque os computadores, ao analisar de forma pormenorizada muitas variáveis simultaneamente, ampliam o poder das fórmulas estatísticas ou matemáticas para a resolução de problemas de “complexidade organizada”. “What is distinctive about the new intellectual technology is its effort to define rational action and to identify the means of achieving it (Bell, 1976: 30)”.

De Masi: desenvolvimento sem trabalho

O sociólogo italiano Domenico De Masi emprega o termo “sociedade pós-industrial” para indicar o advento de uma nova sociedade que não se caracteriza mais pelo modo de produção industrial. Uma vez que não se sente em condições de concluir qual o fator ou processo que ocupará a posição de hegemonia nesta nova organização social em ascensão, De Masi prefere utilizar o termo pós-industrial: “um nome que não ousa dizer o que seremos, mas se limita a recordar o que já não somos (De Masi, 1999: 170)”.

O primeiro passo para entender o significado desta nova organização da sociedade é colocá-la em uma perspectiva histórica, como o próprio De Masi faz. Para ele, o caminho histórico da humanidade é um contínuo esforço para libertar o homem de oito escravidões: miséria, fadiga, ignorância, tradição, autoridade, dor, feiúra e morte. Apesar de alguns

reveses no curso da história, é possível identificar algumas trajetórias constantes, como por exemplo, do esforço manual para o emprego de tecnologias cada vez mais sofisticadas, da causalidade para o planejamento de curto e depois de longo prazo, da execução à criação. Em comum, todos estes trajetos tiveram o objetivo de colonizar a natureza através da cultura. Este é o pano de fundo histórico sobre o qual De Masi elabora suas idéias.

Em seguida, De Masi classifica as múltiplas transformações históricas em dois tipos: as de alcance ordinário, determinadas por fatores climáticos, geográficos, genéticos, políticos, energéticos e culturais, “que volta e meia se desencadeiam”; e as mudanças de alcance excepcional, caracterizada pela conjunção de vários destes fatores, que aceleram e estimulam a dinâmica das transformações históricas. Para De Masi, as mudanças deste segundo tipo representam um revolucionário salto qualitativo, uma mudança de época, um divisor de águas.

No curso da história, De Masi argumenta, os saltos excepcionais foram raros e a faixa de tempo entre eles é cada vez mais curta. “[...] do advento da agricultura ao da indústria decorreram oito mil anos; da sociedade industrial a pós-industrial, passaram-se apenas dois séculos (De Masi, 1999: 23)”. Está implícita nesta afirmação a concepção de história adotada por De Masi. Para ele os períodos históricos são formados por ondas, cada vez mais curtas.

Estas considerações iniciais de ordem teórica sobre a concepção de história e mudança social na qual se assenta a tese central de De Masi a respeito do esforço humano para se livrar das oito escravidões são de fundamental importância para uma melhor compreensão do surgimento de uma nova sociedade, que ele apenas ousa delinear em contraste com a anterior. Vejamos agora, como De Masi faz uso destes instrumentos teóricos para descrever o advento da sociedade pós-industrial.

Inicialmente, o que significa o advento da sociedade pós-industrial no curso progressivo da libertação da humanidade. A pergunta a ser feita para De Masi é: o que significa o advento da sociedade pós-industrial na progressiva libertação da Humanidade dos oito tipos de escravidão?

Segundo o sociólogo italiano, os principais elementos que exercem papel propulsor do sistema pós-industrial e de sua dinâmica são: a ciência e a tecnologia, a globalização, o progresso organizativo, a escolarização, os *mass media*. De Masi considera que todos estes

elementos estão em relação de causa e efeito com todos os outros. Portanto, nenhum destes elementos pode ser considerado o preponderante no advento da sociedade pós-industrial. De Masi esclarece o sentido desta idéia com o seguinte exemplo: “O progresso tecnológico permite melhorar a organização das fábricas e as fábricas mais bem organizadas aceleram o progresso tecnológico (De Masi, 1999: 175)”.

O salto da sociedade industrial para a pós-industrial é marcado por uma formidável aceleração do progresso científico e tecnológico nos campos da física atômica e subatômica, microeletrônica, desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação de massa, a produção de novos materiais, a ascensão da informática e das telecomunicações e as tecnologias ópticas. Quais foram os fatores que tornaram esta aceleração do progresso científico e tecnológico possível? De Masi indica dois fatores: primeiro, a substituição do pesquisador isolado (*small science*) pelo trabalho em equipe (*big science*); segundo, a velocidade com que as descobertas científicas se traduzem em aplicações práticas. Todas estas inovações tecnológicas surgidas desde o início do século XX possuem uma extraordinária penetração e impõem lógicas próprias onde quer que cheguem. “Racionalidade, flexibilidade, precisão, segurança, beleza e rapidez são enfim mais do que simples características: são um novo paradigma de organização, em que as visões gerencial, política e até estética da empresa terminam se encontrando (De Masi, 1999: 184)”. De Masi afirma que as novas tecnologias têm destruído limites entre atividades, setores e critérios gerenciais. Com as novas tecnologias fica cada vez mais difícil estabelecer as fronteiras entre estudo, trabalho e lazer, bem como os limites entre os setores primário, secundário e terciário, propostos por Colin Clark na década de 40.

O segundo elemento propulsor da sociedade pós-industrial e de sua dinâmica, apontado por De Masi, é o progresso organizacional. Em sua opinião, a ciência organizacional foi a que mais contribuiu para o progresso humano no século XX, introduzindo as novas tecnologias nos locais de trabalho, nas casas, nas diversões. Muito provavelmente esta afirmação é a fonte do estrondoso sucesso que as idéias do professor italiano granjeou por aqui. Afinal de contas, 13% das pessoas que possuem curso superior no Brasil são formadas em administração de empresas. E muito provavelmente, tenha sido este sucesso que tenha feito com que as idéias do professor De Masi não tenham encontrado uma acolhida tão receptiva entre cientistas sociais brasileiros. Para além destas querelas disciplinares, o fato é que na opinião do professor da Universidade de Roma “[...] a ciência organizativa foi a protagonista de primeiro plano na rápida passagem da

sociedade de uma ordem rural a uma ordem industrial e, depois, pós-industrial (De Masi, 1999: 185)

Neste ponto, a obra do professor De Masi expressa toda a sua riqueza dialética. A forma como a ciência organizacional organizou o trabalho industrial é atualmente o principal obstáculo para a libertação do homem do trabalho monótono e rotineiro. Não é à toa que contra a atual forma de organização do trabalho industrial o professor De Masi move oito peças de acusação logo no primeiro capítulo de seu livro que trata do futuro do trabalho na sociedade pós-industrial. Não é à toa também que é na ciência organizacional que o professor De Masi busca suporte para falar do tele-trabalho. As condições tecnológicas existem para a realização de uma completa revolução na forma de organização do trabalho na sociedade pós-industrial. Na opinião do professor De Masi, este salto organizacional só não é tomado por causa de um *gap cultural*. Ele utiliza esta Expressão para designar a defasagem cultural que impede que as melhores alternativas do posto de vista técnico não sejam implementadas, apesar de bem conhecidas.

O terceiro elemento propulsor da sociedade pós-industrial é a globalização. O professor De Masi entende a globalização como “uma eterna tendência humana de explorar e depois colonizar todo o território que ainda exista, até fazer dele um único vilarejo sob controle (De Masi, 1999, 186)”. A tradução prática desta tendência se deu de dez formas diferente, sendo a décima uma síntese de todas as outras nove e a que entendemos hoje pelo termo. Os efeitos desta décima forma de globalização podem ser observados no plano das relações sociais e econômicas, da organização do trabalho e do arranjo político, que transformam a produção e o consumo, os gostos e os sentidos em fenômenos planetários.

O quarto elemento propulsor da sociedade pós-industrial é a escolarização. A revolução científica e tecnológica mudou substancialmente a forma e o conteúdo do trabalho. Na sociedade industrial o trabalho é uma luta com as máquinas; na sociedade pós-industrial, um jogo entre homens. Neste jogo, é cada vez menor o conteúdo físico, concreto, e cada vez maior os elementos simbólicos. A sociedade pós-industrial é uma sociedade simbólica. Para manejar estes símbolos é cada vez maior a necessidade de escolarização.

O quinto elemento propulsor da sociedade pós-industrial é o *mass media*. A difusão veloz de informações pelo *mass media* e pelas redes eletrônicas de rádio, TV e

computadores produz dois efeitos principais na transição da sociedade industrial para a pós-industrial: primeiro, colocam em questão “os modos de pensar, os esquemas mentais, as tradições, a cultura ideal e social de milhões e milhões de leitores, ouvintes de rádio, telespectadores e navegadores em rede” (De Masi, 1999: 167); segundo, leva a conviver em uma mesma sociedade aspectos rurais, industriais e pós-industriais, de modo que se torna impossível determinar qual elemento torna-se central, hegemônico em uma sociedade.

Após enumerar os fatores que engendraram a mudança da sociedade industrial para a pós-industrial, De Masi sublinha as formas e substâncias desta mudança. Para isso, ele utiliza o método de análise comparativa, que consiste basicamente em descrever as características da sociedade industrial e contrapô-las às da sociedade pós-industrial. Segundo o professor da Universidade de Roma, a transição da sociedade industrial para a pós-industrial é caracterizada por cinco mudanças substanciais.

A primeira transformação – e também a central – é no método científico e na relação com a natureza. “O fator característico dessa revolução consiste na importância assumida pela programação do futuro por meio de um novo modo de fazer ciência, que se vale da ‘mercadoria’ informação e se modela por um método diferente do industrial, que formula um problema e propõe objetivos de solução sem se deixar enredar previamente por seus vínculos (De Masi, 1999: 197)”. O que De Masi quer dizer com esta frase? Antes de responder a esta pergunta, é mister recordar as concepções de desenvolvimento histórico e mudança social com as quais De Masi trabalha.

Para ele, a história é formada por “ondas” – cada vez mais curtas – que se sucedem ao longo da história em momentos de “mudanças excepcionais”. Em cada uma destas transformações históricas de longo alcance, De Masi identifica trajetórias constantes de libertação do homem de algum dos oito tipos de escravidão. A revolução do método científico significa, sobretudo, a libertação humana da causalidade e, com isso, a possibilidade de programação do futuro em longo prazo. Esta libertação é possível por duas razões principais: uma, o conhecimento e a informação tornam-se a principal matéria-prima e mercadoria deste novo método científico; outra, ao invés de propor soluções, este novo método científico propõe questões a serem respondidas. Isto faz com que pela primeira vez na história da humanidade o futuro deixe de ser um problema natural para se tornar uma questão social.

Com a passagem da *invenção* para a *descoberta*, da busca de soluções para a proposição de questões, da *small science* para a *big science*, o método científico tornou-se um longo processo composto pelas etapas da invenção, decisão, produção e consumo, realizadas em uma infinidade de lugares por distintos atores sociais em relações assimétricas de poder. “Desenha-se, assim, uma nova divisão internacional do trabalho, pela qual algumas áreas mantêm o monopólio da pesquisa científica e do poder político, outras produzem e outras limitam-se ao simples consumo (De Masi, 1999: 200)”.

A segunda mudança na passagem da sociedade industrial para a pós-industrial é de ordem mental. Surgem novas necessidades e valores. Nas sociedades pós-industriais há uma proliferação de necessidades “induzidas” ou “alienadas”, que não derivam nem da natureza humana (necessidades “fundamentais” ou “radicais”, como amizade, amor, diversão e convívio) nem estão ligadas à sobrevivência (alimentação, repouso, reprodução). As necessidades “induzidas” ou “alienadas”, tais como as exigências de poder, dinheiro ou posse, crescem à medida que são satisfeitas, “provocando uma espiral sem fim (De Masi, 1999: 205)”.

De Masi fala da reabilitação de alguns valores e da emergência de outros na sociedade pós-industrial, como resultado da progressiva intelectualização de todas as atividades humanas. Ao anonimato coletivo e à massificação industrial De Masi contrapõe a *subjetividade*. A *estética* emerge na sociedade pós-industrial à medida que os objetos e serviços exaurem suas finalidades práticas: “as formas, as cores, os sons e as boas maneiras são tão indispensáveis ao homem pós-moderno quanto a substância e a funcionalidade (De Masi, 1999: 205). Outro valor muito apreciado na sociedade pós-industrial, principalmente nas organizações que se pretendem flexíveis e criativas, é a *emoção*.

A sociedade industrial, além de privilegiar a esfera racional em relação à emotiva, privilegiou a prática em relação à estética, a quantidade em relação à qualidade, a coletividade em relação à subjetividade. Os três valores que emergem hoje como fundamentais – subjetividade, estética e emoção – ontem eram considerados desvalores e, como tais, eram relegados à esfera doméstica e deixados para as mulheres (De Masi, 1999: 206-7).

Os novos valores que surgem com o advento da sociedade pós-industrial são a *virtualidade*, a *globalização*, a *desestruturação do tempo de trabalho e lazer*, e a *qualidade de vida*. O primeiro, indica que as relações entre as pessoas e os objetos são cada vez mais dissociadas da presença física. O segundo, faz com que cresça a familiaridade com o mundo inteiro. O terceiro, elimina os limites de espaço e tempo, fazendo com que as fronteiras entre estudo, trabalho e lazer sejam cada vez menos nítidas. O quarto e último,

significa que o posicionamento de sacrifício perante a vida vai se desintegrando em um conjunto de necessidades de natureza humana, bem como de necessidades “induzidas” ou “alienadas”.

A terceira mudança na transição da sociedade industrial para a pós-industrial é marcada por uma inversão na relação entre a empresa e o mercado. Saem de cena as empresas orientadas para o produto, com poder para impor produtos a um mercado ávido por bens industrializados; entram em cartaz as empresas orientadas para o mercado, atenta às necessidades, valores e demandas latentes da sociedade. O que está por trás desta mudança é algo muito mais profundo e complexo do que a simples inversão da relação produtor/comprador. Esta inversão é, sobretudo, a marca do declínio da indústria como instância hegemônica, capaz de impor valores, modas, hábitos e costumes aos outros setores da sociedade.

Nem todas as organizações têm forças iguais, nem todas as organizações têm igual capacidade de influenciar as outras com seu modelo. Na Atenas de Péricles, a *polis* despontava na escola, no exército, nas empresas produtivas e comerciais. Na Idade Média, a igreja e o mosteiro foram pontos de referência para a comunidade e para o exército. Na França do Rei Sol eram a monarquia e a corte que dominavam os aparatos judiciais, os exércitos e a sociedade civil; no ‘palácio’ eram cunhadas as moedas, as regras, as modas, a estética e os costumes. Na sociedade industrial foi a fábrica que ditou a lei: nos seus horários e métodos, na sua racionalidade, exigências e princípios são inspiradas e deles induzidas não só as atividades do trabalho mas também as cidades, escolas, diversões, o tempo livre e a família – em suma, a vida inteira, social e individual (De Masi, 1999: 53)

Nas sociedades pós-industriais, os negócios constituem apenas um dos muitos sistemas que operam na sociedade, e nem sempre são os mais modernos, dinâmicos e cientificamente sofisticados. Também as mulheres, os jovens, os cientistas, os políticos, os artistas e os grupos minoritários produzem idéias, valores e modelos de vida. Contudo, De Masi não se acha em condições de concluir qual destes atores sociais ou sistemas operados por eles é ou se tornará hegemônico na sociedade pós-industrial. Por isso, aventa a hipótese de a sociedade pós-industrial “diferentemente das sociedades precedentes (que explorara sucessivamente a caça, a criação, a agricultura, o mercado, a indústria), não se apoiará sobre um setor único, centralizado, mas sobre uma pequena rede de setores e fatores no mesmo nível de importância (a informação, a ciência, os serviços, a própria indústria, etc.) (De Masi, 1999: 170)”. Se a essa hipótese for acrescentado os elementos propulsores da sociedade pós-industrial e de sua dinâmica “compreende-se por que a organização tradicional do trabalho está em crise e por que o próprio trabalho está profundamente modificado na sua substância e significado (De Masi, 1999: 08)”.

A quarta mudança na passagem da sociedade industrial para a pós-industrial é de ordem existencial. Da mesma forma que o modo de produção industrial determinou formas de convivência profundamente diferentes das precedentes, a sociedade pós-industrial tende a determinar modos de convivência diferentes da sociedade industrial. A divisão da vida profissional em juventude, idade madura e velhice, bem como a divisão entre tempo de trabalho e tempo livre, são categorias historicamente determinadas, que nascem com o advento da sociedade industrial e tendem a perder importância com o seu declínio. Nas sociedades pós-industriais é cada vez mais tênue a fronteira que separa tanto o trabalho do lazer quanto os ritos que marcam o ingresso ou retirada do mercado de trabalho.

A quinta e última mudança apontada por De Masi na transição da sociedade industrial para a sociedade pós-industrial é na ordem urbana. De Masi descreve esta transição como a passagem da *metropolis* para a *telepolis*. Nesta transição, a cidade permanece como local privilegiado da produção e do consumo, das trocas e das interações de recursos. Fundamentalmente, o que se altera é o conteúdo do que é produzido, consumido, trocado e interagido. Há não só uma profunda transformação quantitativa, mas também qualitativa. Produtos intelectuais, abstratos, serviços tornam-se a principal mercadoria de troca nas sociedades pós-industriais. E estas trocas são potencializadas pelas redes de TV e rádio, pelos microcomputadores interligados. Isto implica profundas alterações na representação gráfica das cidades, nas relações de produção e consumo, na fronteira entre o público e o privado.

A “planimetria bidimensional” utilizada para representar as ruas, praças e edifícios das cidades industriais torna-se inadequada para representar a telepolis, pluridimensional e esférica, formada de rede de telecomunicações que podem se expandir e interconectar infinitamente. As habitações passam a ser o local de produção e consumo, mesclando atividades de trabalho, diversão, reprodução e vida social. O isolamento dos habitantes das metrópoles industriais, imposto pela separação da casa do local de trabalho, é substituído pela possibilidade de interação eletrônica mundial e progressiva comercialização da esfera privada.

De Masi afirma que as transformações assinaladas por ele são muito mais do que uma simples aceleração ou complexificação da sociedade industrial. “Com o termo ‘pós-industrial’ indica-se, enfim, em todo o mundo, um modelo inteiramente novo de sociedade,

que se move sob o signo da conexão e da reintegração de trabalho e vida, casa e escritório, quantidade e qualidade, ética e negócio, bens e serviços (De Masi, 1999: 221)''.

Fatores e características da sociedade pós-industrial associados ao crescimento do turismo

Introdução

Há muitas formas de dividir a história do turismo. Uma maneira é relacionar as pessoas envolvidas e suas respectivas motivações aos períodos históricos. Desta forma, a evolução do turismo ao longo da história pode ser contada em 11 etapas: mundo helênico, império romano, Idade Média, séculos XVI ao XVIII, a partir de meados do século XVII, Século XIX, finais do século XIX, período entre as guerras mundiais, a partir do verão de 1928, depois da segunda guerra mundial, desde a metade dos anos 80 do século XX.

Esta divisão, proposta por Mazón (2001) e citada por Dias (2002: 58) considera que o fenômeno das viagens não é novo na história da humanidade e que cada período do turismo é marcado por um tipo de motivação predominante. Por exemplo, no mundo helênico, as pessoas envolvidas com viagens eram apenas os cidadãos gregos livres, que empreendiam viagens por motivos religiosos, espetáculos artísticos e esportivos, religião e saúde. No Império Romano, os espetáculos circenses, a educação e a cultura, a visita a parentes e os interesses do tipo comercial, militar e administrativo eram os principais motivos de viagens da aristocracia e dos funcionários públicos.

Adotar a evolução nos meios de transporte como critério para dividir a história do turismo, tal qual fazem Lickorish e Jenkins (2000) no segundo capítulo do livro *Introdução ao Turismo*, é uma forma bastante comum e, provavelmente, a mais usual e difundida maneira de dividir a história do turismo. De acordo com estes autores, a história do turismo pode ser dividida em quatro estágios.

O primeiro, que eles denominam de turismo pré-histórico, vai da era medieval ao início do século XVII. Este estágio compreende a destruição das rodovias romanas no período medieval até o período de Reforma religiosa e secularização do ensino, no qual as viagens são consideradas como parte da educação de cavaleiros.

O segundo estágio da história do turismo tem início com a inauguração da primeira ferrovia de passageiros ligando Liverpool a Manchester em 1830 e estende-se até a I Guerra Mundial.

O terceira estágio da história do turismo situa-se no período entre guerra. Este fase é marcada pelo fim da prosperidade dos meios de transporte ferroviário e o início da expansão das rodovias e alguns investimentos em aviação.

O quarto estágio do turismo tem início com o fim da II Guerra Mundial e estende-se até os dias atuais. Este estágio caracteriza-se pela estrondosa expansão da indústria automobilística e a difusão da aviação para o transporte de passageiros.

Lickorish e Jenkins apresentam dois argumentos para justificar a utilização da evolução nos meios de transporte como critério definir os quatro estágios do desenvolvimento histórico do turismo. Primeiro, que o “transporte é o principal serviço na atividade que consiste em sair de casa para outro destino”. Segundo, “o transporte influenciou mais as viagens do que talvez outra força proveniente da revolução na indústria geradora de riquezas”.

O transporte é uma dos principais elementos do turismo. Ninguém faz turismo apenas lendo os suplementos dos jornais, folheando os prospectos das companhias de viagens ou visitando sites de museus na Internet. O turismo é o único produto da economia moderna que é consumido no mesmo local de produção. Não é o produto que se desloca até o local de consumo. No turismo, são os consumidores, os turistas que se deslocam fisicamente até as praias, museus, congressos, cidades ou qualquer outro elemento que os manuais de marketing e planejamento costumam chamar de destinações turísticas.

Sem dúvidas, a evolução nos meios de transporte contribuiu para tornar os deslocamentos físicos cada vez mais seguros, rápidos, confortáveis e, sobretudo, baratos. Contudo, este não é o único e nem pode ser considerado o principal elemento no desenvolvimento da atividade turística, como faz supor a afirmação de Lickorish e Jenkins. No ato de deslocamento turístico também estão envolvidos motivação e meios de hospedagem. Cada um destes elementos pode ser utilizado como critério para dividir a história do turismo. O fator transporte se sobressai dos demais não por ser o elemento principal do turismo, mas por ser o elemento por meio do qual constata-se de forma mais clara os reflexos do progresso científico e tecnológico na atividade turística.

De fato, são poucas as propostas de dividir a história do desenvolvimento histórico do turismo com base nos meios de hospedagem. Isto está relacionado com a natureza das alterações que os meios de hospedagem sofreram ao longo dos períodos históricos. Em comparação com os meios de transporte, os avanços científicos e tecnológicos exerceram pouca influência na forma como os turistas se alojam para as atividades de restauração das energias físicas e mentais. Embora haja uma variedade enorme de tipos de alojamentos, seu princípio ainda é o mesmo: oferecer repouso para viajantes em troca de uma remuneração financeira.

Além de múltiplos, os critérios adotados para dividir o desenvolvimento histórico do turismo nem sempre são claros. Não são raros os autores que utilizam um ou mais fatores relacionados ao desenvolvimento do turismo simplesmente para caracterizar os grupos sociais que viajavam, as principais motivações, os meios de transporte disponíveis e as formas de alojamento utilizadas ao longo dos períodos históricos. Uma consequência desta não especificação dos critérios utilizados para definir as fases de desenvolvimento do turismo é a adoção de um mesmo termo para se referir a períodos distintos. Um mesmo termo, diversos significados. Por exemplo, dependendo do critério adotado a expressão turismo de massas pode se referir tanto ao período anterior a I Guerra Mundial, quando os trens e navios permitiram que um número grande de pessoas nos países desenvolvidos realizasse viagens internacionais, quanto ao período subsequente à II Guerra Mundial, quando os automóveis incrementaram o turismo doméstico e as viagens aéreas transatlânticas se tornaram algo corriqueiro para as companhias de transporte de passageiros. Esta confusão terminológica está relacionada não só aos diversos critérios – nem sempre explícitos – utilizados para elaborar uma periodização da história do turismo, mas também à indefinição conceitual dos termos turismo e turista.

Já se tornou clichê a afirmação que existem tantas definições de turismo e turista quanto os autores que se dedicam ao tema. Também é bastante difundida a percepção de que muitas das noções correntes sobre turismo são variações do conceito elaborado pela Organização Mundial de Turismo – OMT (World Tourism Organization – WTO) e adotado pela Comissão de Estatística das Nações Unidas (United Nations Statistical Commission – UNSTAT) em 1994.

De um ponto de vista conceitual, podemos pensar em turismo como: ‘as atividades das pessoas que viajam ou permanecem em lugares que não o seu ambiente normal por não mais do que um ano consecutivo, por lazer, trabalho ou outras razões’ (WTO e UNSTAT, 1994). Ao mesmo tempo em que

isso não é uma definição técnica rigorosa, transmite a natureza essencial do turismo (Cooper, Fletcher, Wanhill, Gilbert e Shepherd, 2001: 42)

Segundo Paiva (1995: 28), “muitos dos conceitos correntes sobre turismo são derivados do conceito da OMT e priorizam três variáveis: o tempo fora do domicílio, as relações decorrentes da viagem e a ausência do fator lucro”. A ênfase atribuída a cada um destes elementos varia conforme as disciplinas científicas que estudam o turismo e os interesses políticos ou comerciais envolvidos. Desta forma, geografia tende a enfatizar o local para onde o turista se locomove fora do seu domicílio habitual; a sociologia, as relações decorrentes destes deslocamentos; a psicologia, as motivações; a economia, as movimentações financeiras.

As definições também abrigam objetivos políticos e interesses econômicos. Esta da OMT, por exemplo, bastante útil para construir indicadores estatísticos, dimensionar empreendimentos e estimar o crescimento mundial do turismo, reflete a perspectiva dos países desenvolvidos sobre o fluxo de turismo internacional. Esta idéia pode ser mais bem compreendida a partir das idéias de função manifesta e função latente, propostas pelo sociólogo norte-americano Robert Merton. As funções manifestas corresponderiam às estimativas estatísticas do turismo internacional. As funções latentes desta definição visam criar mecanismos para deixar longe das fronteiras dos países desenvolvidos, de preferência nos países de origem, os pobres, esfomeados e desesperados de todo o mundo que a cada ano tentam ingressar nos países mais ricos do mundo em busca de melhores condições de vida.

A principal limitação destas tentativas de periodização da história do turismo reside no fato de adotarem como critérios classificatórios fatores intrínsecos à atividade turística, como tipos de turistas, motivações, meios de transporte e meios de hospedagem. Os sucessos qualificados como relevantes nestas áreas fundamentam as propostas de vários estudos que visam dividir as diferentes etapas do desenvolvimento turístico e empresarial em períodos temporais. Segundo Molina (2003: 21), muitas destas propostas atribuem um caráter determinante às estruturas administrativas estabelecidas, deixam-se levar por acontecimentos políticos e institucionais que não necessariamente conformam um divisor de águas histórico e configuram fases excludentes entre si.

Em contraposição ao conjunto de denominadores comuns que fundamentam as tradicionais propostas para classificar as etapas de desenvolvimento do turismo, o

renomado autor mexicano entende que cada etapa de desenvolvimento do turismo corresponde a conceitos e práticas diferenciadas, e que estas etapas não se excluem ao longo do tempo. No enfoque proposto por Molina (2003), o desenvolvimento do turismo é composto por três grandes fases: a) pré-turismo, cujo expoente máximo é o *Grand Tour*; b) turismo industrial, que se subdivide em primitivo, maduro e pós-industrial; c) pós-turismo, que constitui um novo paradigma na história do turismo.

A proposta de periodização apresentada por Molina, que tem o mérito de se afastar dos critérios políticos ou institucionais, esbarra nos limites do conhecimento teórico disponível sobre turismo. Como não existe um consenso nem mesmo sobre os termos turismo e turista, é muito pouco provável que a periodização proposta por ele ou pelos autores anteriormente analisados obtenha um certo grau de concordância entre os pesquisadores acadêmicos.

A presente monografia propõe um critério diferente para classificar as etapas do desenvolvimento do turismo. Ao invés de dividir a história do turismo com base em elementos intrínsecos ao turismo, a perspectiva aqui apresentada adota como critério para dividir as etapas do turismo os mesmos empregados para marcar mudanças no sistema social. Assim, à cada mudança no sistema social observa-se, também, o início de uma nova etapa na história do turismo. Esta abordagem evita, cautelosamente, adentrar no polêmico emaranhado de definições pouco precisas que caracterizam o atual estágio de desenvolvimento da teoria do turismo e, ao mesmo tempo, permite situar as fases do turismo no âmbito da mudança social.

O mais recente e profundo processo de mudança social parece ter tomado curso a partir da II guerra mundial. As mudanças econômicas, políticas e culturais ocorridas na sociedade a partir da segunda metade do século XX desencadearam a elaboração de várias hipóteses interpretativas e tentativas de previsão social que receberam inúmeras denominações. Embora os rótulos atribuídos à sociedade emergente neste período passem de trezentos, o termo pós-industrial tornou-se o mais difundido.² Neste mesmo período, as atividades turísticas também conheceram fantásticos índices de crescimento. Logo, os trabalhos que associam o crescimento do turismo com o advento da sociedade pós-

² Uma pequena lista dos termos utilizados pelos mais influentes autores para denominar a sociedade atual pode ser encontrada na página 31 do livro *A Sociedade Pós-industrial*, organizado por Domenico De Masi e publicado no Brasil pela Editora Senac em 2000 (3ª edição).

industrial não tardaram a surgir. Analisar de que forma as principais afirmações e previsões da teoria do pós-industrialismo são empregadas para explicar o crescimento do turismo a partir dos anos 50 é o objetivo da próxima seção desta monografia.

As teses apresentadas neste capítulo são bastante simples e estão implícitas em muitas formulações que se dedicam a enumerar os fatores associados ao crescimento do turismo a partir dos anos 50.

- O trabalho ocupa o cerne da estrutura social.
- Em cada tipo de sociedade as formas de gozo do tempo livre acabam se modelando aos modos de organização do trabalho.
- Sendo o turismo uma forma de gozo do tempo livre, logo ele é moldado pelas formas de organização do trabalho.
- Se em cada período histórico pode-se observar formas distintas de organização do trabalho, logo se pode observar também formas distintas de gozo do tempo livre e do turismo.
- Mudanças de longo alcance que modificam profundamente a natureza do trabalho e a estrutura ocupacional, marcando a transição entre os períodos históricos, caracterizam também a transição entre as fases do turismo. As características desta nova sociedade também são importantes para o desenvolvimento do turismo.
- A partir da II Guerra Mundial, observa-se um conjunto amplo de mudanças na estrutura social, na política e na cultura que configuram o que se convencionou denominar de sociedade pós-industrial. Estas mudanças inauguram também uma nova etapa na história do turismo.
- As características da sociedade pós-industrial também são consideradas como importantes elementos propulsores do crescimento do turismo nesta nova fase, denominada de turismo de massas.

Fatores propulsores da sociedade pós-industrial e do turismo de massas

No primeiro capítulo, observou-se com Daniel Bell que a sociedade pode ser dividida analiticamente em três dimensões: estrutura social, política e cultura. A noção de sociedade pós-industrial, tal qual ele a concebe, refere-se a mudanças apenas no âmbito da estrutura social, composta pela economia, tecnologia e sistema ocupacional. O conceito de sociedade pós-industrial refere-se, sobretudo, a cinco mudanças na estrutura social: passagem de uma economia de produção de bens para uma de serviços, uma nova distribuição ocupacional, a centralidade do conhecimento teórico como fonte de inovação, o controle da tecnologia e a criação de uma nova “tecnologia intelectual”.

Bell afirma que as alterações na estrutura social não determinam, mas colocam novos problemas para a política e a cultura. Contudo, a inter-relação entre as três dimensões da sociedade não é o foco de análise de Bell, que está muito mais interessado em defender a tese da emergência de uma nova estrutura social. Esta inter-relação foi um pouco mais explorada pelo sociólogo italiano Domenico De Masi em diversas publicações de razoável sucesso comercial no Brasil.

O professor da Universidade de Roma rejeita a tese da primazia do progresso científico e tecnológico sobre os outros elementos propulsores do advento da sociedade pós-industrial e expande as consequências desta nova ordem social para o sistema ocupacional e para a dimensão cultural. Ao lado da tecnologia – apontada por Bell como principal elemento propulsor do advento da sociedade pós-industrial - De Masi confere importância semelhante ao progresso das ciências organizacionais, a globalização, a escolarização e o *mass media*. Todos estes elementos juntos, atuando numa relação recíproca de causa e efeito, são responsáveis por mudanças na ordem do conhecimento científico e tecnológico, na ordem das mentalidades, na ordem dos valores, na ordem existencial e na ordem da vida urbana.

Sujeitos a várias interpretações, em diferentes versões, todos estes fatores e características da sociedade pós-industrial são amplamente indicados para justificar a transformação do turismo em um fenômeno de massas após a II Guerra Mundial. Nos próximos parágrafos, esta inter-relação será descrita em detalhes. Nesta jornada, as idéias do professor Domenico De Masi, expostas de forma resumida no primeiro capítulo desta

monografia, serão combinadas com os elementos associados à oferta e à demanda de turismo.

A opção pelo guia De Masi decorre do fato de ele apresentar a teoria do pós-industrialismo de forma esquemática, o que facilita o trabalho de correlação com os fatores associados ao crescimento do turismo; estender a teoria do pós-industrialismo para a esfera da cultura, o que amplia o alcance da análise aqui proposta; e, sobretudo, por conta do prestígio que logrou no Brasil na última década, tornando-se referência bibliográfica obrigatória em muitas publicações nacionais sobre turismo.

Embora o crescimento do turismo possa ser abordado tanto do ponto de vista da oferta quanto da demanda, há pouco consenso sobre os fatores arrolados em cada uma destas perspectivas. A falta de acorde está diretamente relacionada com a forma de agrupar os fatores. Para Lickorish e Jenkins (2000) a demanda de turismo é influenciada por fatores econômicos e não-econômicos. O principal fator econômico que influencia a demanda de turismo é a renda real arbitrária. Os fatores não-econômicos subdividem-se em estruturais (população e tempo livre) e motivacionais (educação, urbanização, marketing, indústria de viagens e atrações do destino)

Uma outra maneira de agrupar os fatores que influenciam a demanda de turismo é proposta por Youell (2002). Na perspectiva deste autor, os fatores que influenciam a demanda de turismo podem ser agrupados em determinantes (dinheiro, tempo, liberdade para viajar e saúde) e motivadores (nível de instrução, etapa no ciclo de vida, moda e modismos, mobilidade pessoal, residência urbana/rural, raça e sexo, e imagem do local). Os fatores determinantes são aqueles que estão fora do controle do indivíduo, enquanto os fatores motivadores são “aqueles que moldam a opção de um indivíduo e sobre o qual possuem um certo grau de controle (Youell, 2002: 42)”. Adotar o critério “grau de controle” para agrupar os fatores que influenciam a demanda de turismo apresenta uma série de inconveniências e pode conduzir a vários equívocos. Apenas para ilustrar esta afirmação, basta questionar o grau de controle que um indivíduo tem sobre sua raça e sexo.

Obviamente, as formas de agrupar os fatores que influenciam a demanda de turismo são inúmeras, a exemplo do que acontece com a periodização da história do turismo. Portanto, para evitar a elaboração de mais uma categorização inútil teoricamente e permanecer nos estreitos limites do objetivo deste capítulo, serão enumerados apenas os

fatores mais amplamente aceitos como associados à demanda de turismo, a saber: dinheiro, tempo e motivações provenientes de alterações demográficas na estrutura social como urbanização, escolarização e expectativa de vida. Todos estes fatores que influenciam a demanda interagem também com as condições de mercado.

O mercado varia conforme a oferta e a demanda. A oferta é composta pelos produtos/serviços oferecidos pelo que se convencionou chamar de indústria turística. De acordo com o modelo estrutural proposto por Youell (2002), a indústria do turismo internacional é composta por quatro elementos essenciais (destinações, hospedagem e *catering*, meios de transporte e atrações turísticas) e dois elementos intermediários (operadoras de viagens e agentes de viagens). Transformações na indústria do turismo, no sentido de aumentar a competitividade e a produtividade também influenciam a demanda turística. Em suma, o crescimento do turismo está relacionado tanto às transformações na demanda quanto às mudanças na oferta, que interagem reciprocamente.

Embora os fatores associados à demanda e à oferta de turismo estejam profundamente interligados, eles serão aqui abordados separadamente. Esta separação analítica visa, sobretudo, contemplar como a relação entre transformação social e turismo é interpretada pelos estudiosos do turismo.

Entre os fatores propulsores do advento da sociedade pós-industrial e do crescimento do turismo na segunda metade do século XX, destacam-se: a revolução científica e tecnológica, o progresso nas ciências organizacionais, globalização, escolaridade e *mass media*.

a. Revolução científica e tecnológica

A revolução científica e tecnológica que impulsiona o surgimento da sociedade pós-industrial é também um dos principais fatores associados ao crescimento do turismo a partir dos anos 50. Mudanças na informática, nas telecomunicações, na química, na física e nas engenharias estão remodelando profundamente os quatro componentes essenciais e os dois intermediários que compõem a indústria do turismo.

As destinações são o ponto central da maioria das atividades turísticas e concentram muitos setores da indústria do turismo em uma mesma área. Uma destinação turística pode

ser entendida como a estrutura sobre a qual os diversos setores da indústria do turismo trabalham em parceria para fornecer instalações e serviços. A tecnologia permite a construção de espaços destinados exclusivamente ao lazer e a reprodução de outros locais, num fenômeno claro de desterritorialização. São destinos transformados pela ação humana, nos quais o contato e a convivência com a comunidade residente são praticamente nulos. A materialização concreta disto é a criação e expansão dos parques temáticos de alta tecnologia e os *megaresorts*. Os exemplos mais famosos e estudados são o complexo Disney de entretenimento e a cidade de Las Vegas, ambas nos Estados Unidos.

Las Vegas brevemente contará também com o Paris Casino Resort, requerendo um investimento de 420 milhões de dólares. O projeto contempla um sistema de canais, nove restaurantes, vistas panorâmicas e reproduções da Torre Eiffel e da avenida Champs-Élysées, entre outros locais da cidade de Paris. Esse megaresort compreende um conceito altamente integrador de produtos/serviços e experiências, convergindo para essa diversidade segmentos de mercados diferentes, mas que podem complementar-se: adultos aficionados pelo jogo e por espetáculos, famílias e crianças (Molina, 2003: 48).

É tão extenso quanto interessante o debate sobre a experiência turística proporcionada por estes simulacros da realidade. A busca por atrações nas quais as experiências originais são substituídas por reconstruções da realidade planejada nos mínimos detalhes e executada com base em recursos tecnológicos parece ser uma tendência no turismo.

As transformações nas destinações turísticas são tão profundas que Sergio Molina (2003), um dos mais renomados estudiosos latino-americano do turismo, tem defendido a tese do advento do pós-turismo. Segundo o professor mexicano, “o pós-turismo está regido por um novo sistema de códigos e relações que nem sempre pode ser explicado a partir da nomenclatura industrial e pós-industrial (Molina, 2003: 53)”.

Segundo Molina (2003), o pós-turismo é um novo paradigma que apresenta as seguintes características: 1) deslocamento desnecessário do local de residência; 2) nenhum contato com os indivíduos das comunidades; 3) contato com cenários naturais readaptados pela aplicação de tecnologias; 4) deslocamento (não confundir com eliminação) de mão-de-obra causado pela incorporação de processos automatizados de alta tecnologia; e, 5) pouca ou nenhuma influência dos recursos naturais e culturais disponíveis na região sobre o pós-turismo.

Apesar dos numerosos tipos de *hospedagem e catering* disponíveis no mercado, elas oferecem, basicamente um lugar para ficar e alimentação durante a viagem ou

permanência. A revolução científica e tecnológica tem tido um impacto reduzido e pouco perceptível neste componente essencial da indústria turística. Todavia, “em termos puramente econômicos, o setor de hospedagem e catering é o mais importante dentre todos os setores da indústria do turismo por ser o que oferece mais empregos e o responsável pela maior porcentagem dos gastos efetuados pelos turistas (Youell, 2002: 55)”.

A variedade de meios de transporte disponíveis para atividades turísticas é impressionante. A evolução do turismo está intimamente associada com a evolução dos meios de transporte, que se tornaram, progressivamente, mais seguros, rápidos, confortáveis e baratos. A revolução científica e tecnológica contribui muito para estas evoluções. Os meios de transporte, particularmente o automóvel e o avião, é o setor da indústria de turismo no qual os impactos da revolução científica e tecnológica podem ser observado de forma mais nítida.

Além da intensificação do uso do avião como meio de transporte de turista, os meios terrestres e marítimos de deslocamento tornaram-se mais confortáveis. Proliferaram as linhas de ônibus, que permitem viagens mais econômicas. No final dos anos 50, ocorreu a expansão do uso do automóvel, que cresce sem parar e facilita enormemente os deslocamentos, incorporando um gigantesco número de pessoas que viajam constantemente (Dias, 2003: 54).

Se os impactos da revolução científica e tecnológica podem ser observado de forma nítida no setor de transportes, eles são ainda mais impressionantes sobre as atrações turísticas, que constituem o principal estímulo para as viagens de lazer. Geralmente, as atrações turísticas são classificadas em naturais e construídas pelo homem. As atrações naturais englobam, dentre outras coisas, montanhas, rios, desertos, florestas, lagos e, o mais importante do ponto de vista do turismo, as praias e o mar. No passado, elas eram as principais responsáveis pelo fluxo e atividade turística.

Na sociedade pós-industrial, os turistas são atraídos cada vez mais por atrações construídas pelo homem, que podem ser agrupadas em: atrações históricas, museus e monumentos antigos, parque temáticos, entretenimento, instalações esportivas e eventos, conjunto de lojas comerciais e áreas de lazer, áreas de vida selvagem. A maioria das atrações construídas pelo homem localizam-se nos principais centros urbanos, o que explica o elevado fluxo de turistas entre cidades. Além disso, é nas cidades onde se concentra a maior parte da infra-estrutura básica dos meios de transporte, como aeroportos, estações de ônibus e de trem, portos e terminais de *ferry*.

As atrações turísticas construídas pelo homem para a finalidade de lazer e entretenimento estão se tornando mais sofisticadas e complexas graças aos recursos científicos e tecnológicos utilizados de forma cada vez mais intensa.

As operadoras de viagem montam os componentes de uma viagem de férias, isto é, transporte, hospedagem, instalações, translados, excursões e outros serviços para depois colocar a venda por meio dos agentes de viagens ou diretamente para o consumidor. A revolução científica e tecnológica tem permitido uma maior convergência destas atividades.

As agências de viagens atuam como intermediárias no ramo varejista da indústria do turismo, ligando clientes a uma série de fornecedores. Elas comercializam tanto os pacotes fechados organizados pelas operadoras de viagens, quanto produtos específicos que compõem uma viagem, tais como passagens, aluguel de automóveis, seguro de saúde e etc.

Tanto as operadoras de viagens quanto as agências de viagens, os componentes intermediários da indústria do turismo, estão utilizando os recursos tecnológicos para efetuar verdadeiras transformações na forma de organização de seu trabalho. A integração dos vários setores da indústria do turismo, possibilitada em grande parte suporte tecnológico, tem permitido que as operadoras de turismo e as agências de viagens ofereçam produtos cada vez mais acessíveis ao grande público.

b. Ciências organizacionais

Vimos com De Masi que o segundo elemento propulsor do advento da sociedade pós-industrial é o progresso nas ciências organizacionais. O progresso organizacional, aliado aos avanços científicos e tecnológicos, tem sido interpretado como benéfico para o turismo de duas formas: redução dos custos das viagens e ampliação do tempo livre dos trabalhadores.

O exemplo mais notável de inovação organizacional na indústria turística é que permitiu que um grande número de pessoas tivesse acesso às viagens de férias foi a introdução de excursão organizada, conhecida atualmente como pacote turístico, criada por Thomas Cook em 1941 e rapidamente copiada em todo o mundo.

Com essa invenção, ele, mais do que qualquer outro empresário, contribuiu para mudar a imagem das viagens: de uma atividade necessária e nem um pouco aprazível, de uma tarefa árdua e voltada para a educação, para um prazer, um entretenimento e um novo conceito – “férias” (Lickorish e Jenkins, 2000: 30).

A redução dos custos das viagens continuou caindo progressivamente com outras inovações organizacionais introduzida em todos os setores da indústria do turismo. Muitas destas inovações só foram possíveis com o suporte dos recursos computacionais e de telecomunicações, que também permitiram uma maior flexibilidade na oferta de produtos e serviços turísticos. No setor de transportes, por exemplo, a criação do Sistema de Reservas Computadorizadas (CRS) tem otimizado a capacidade das companhias aéreas em reduzir os assentos ociosos ao oferecer poltronas promocionais em determinadas rotas e horários. Sistemas semelhantes estão sendo introduzidos em outros segmentos da indústria de transporte de passageiros e também em empresas do ramo de hotelaria e catering.

Além do tornar os produtos turísticos mais baratos e acessíveis a uma parcela maior da população mundial, os avanços organizacionais implantados com base nas tecnologias da informação têm permitido a oferta de uma ampla gama de produtos e serviços que atendem aos mais variados desejos e necessidades de um número crescente de clientes. Um exemplo pode ser buscado no produto mais importante das operadoras turísticas e agências de viagens: os pacotes turísticos. Hoje, esses mesmo pacotes estão cada vez mais flexíveis, permitindo que as pessoas escolham tipos de acomodação, as atrações que desejam visitar, o horário das refeições e a companhia para os passeios, restando como parte comum do pacote apenas o transporte em ônibus fretados ou vôos *charters*.

O segundo benefício introduzido pelas ciências organizacionais e de fundamental importância para o turismo é a ampliação do tempo livre dos trabalhadores. Como foi assinalado nos parágrafos introdutórios deste capítulo, a disponibilidade de tempo livre é um dos principais fatores que influenciam a demanda de turismo. Tempo livre é um conceito historicamente determinado pela Revolução Industrial inglesa do século XVIII, que estipulou a progressiva distinção entre o tempo de trabalho e o tempo de não-trabalho.

A conquista de parcelas cada vez mais significativas de tempo livre estão associadas tanto aos progressos nas formas de organização do trabalho industrial, simbolizadas pelas idéias de Taylor e a linha de montagem de Ford, quanto às progressivas conquistas das organizações de trabalhadores, consolidadas em uma série de direitos constitucionais. O ponto culminante destes dois processos foi o pacto capital e trabalho, simbolizado pelo

estado de bem-estar social que garantiu trinta anos de prosperidade econômica aos países da Europa ocidental após a II Guerra Mundial. É exatamente neste período que são assinaladas as mais fantásticas taxas de crescimento do turismo na Europa, interrompidas apenas pela crise do petróleo dos anos 70.

Esta crise costuma ser interpretada apenas como uma retração momentânea do turismo internacional decorrente da elevação do preço dos combustíveis das aeronaves, que tornaram as viagens mais caras. Na interpretação proposta no capítulo a seguir, estes acontecimentos – que tem recebido pouca atenção dos pesquisadores acadêmicos do turismo – sinalizam uma inflexão muito mais profunda na rota ascendente da indústria turística mundial. Retornarei a esse assunto no próximo capítulo.

O debate atual sobre o tempo de trabalho e não-trabalho pode ser agrupado em três subconjuntos. No primeiro, está o debate etimológico sobre a designação mais adequada para o tempo de não-trabalho e suas respectivas implicações ideológicas. Os termos mais correntes na literatura especializada são: ócio, tempo livre, lazer e recreação. No segundo subconjunto, pode-se observar os esforços para estabelecer os limites do tempo de não-trabalho. A concepção mais difundida a este respeito é a que estabelece como tempo de não-trabalho o intervalo entre os períodos de trabalho cotidiano, os finais de semana, as férias anuais e a aposentadoria. No terceiro subconjunto encontra-se o debate sobre a finalidade do tempo do não-trabalho. Neste subconjunto podemos observar duas vertentes claras. Uma, que concebe o tempo de não-trabalho como essencial para recompor as energias para atividades laborais. Outra, que interpreta o período de não-trabalho como uma oportunidade de realização pessoal e crescimento cultural. Em comum, os três subconjuntos apresentam idéias e conceitos construídos a partir de referências no mundo do trabalho. Uma tentativa de estabelecer os estudos de tempo livre e recreação em seus próprios termos pode ser conferida em Waichman (1997).

A indústria e a teoria do turismo, alheia ao debate conceitual que deu origem aos estudos da Sociologia do Lazer e expandiu-se para outras áreas do conhecimento, apropriou-se completamente dos termos, conteúdo funções do tempo de não-trabalho. Seja para o ócio ou lazer, seja nos fins de semana prolongados ou durante a aposentadoria, seja para repor energias ou aprimorar o “eu”, há sempre uma maneira de associar o crescimento do turismo a estes fatores. Um exemplo disto é a perspectiva de crescimento do turismo durante a aposentadoria, também denominado de turismo na terceira idade.

A partir do início da década de 60, nos países mais desenvolvidos social e economicamente, as pessoas estavam alcançando idades cada vez mais avançadas e melhor estado de saúde. Por outro lado, muitos aposentavam-se cedo com base numa concepção industrial de que a partir de certa idade o indivíduo deixa (ou diminui) sua produtividade. Ocorre que o tempo médio de vida aumentou cada vez mais, e essas pessoas procuravam atividades para romper a monotonia do dia-a-dia; entre estas o turismo tem se destacado (Dias, 2003: 57)

Para uma análise do argumento central implícito na citação acima, ela será reescrita de forma resumida na ordem direta: a partir dos anos 60, nas sociedades industriais, as pessoas passam a morrer mais tarde (o autor não explica os motivos) e se aposentar mais cedo em virtude da perda ou diminuição de sua produtividade. Como resultado, as pessoas adquirem uma quantidade maior de tempo livre disponível após a “vida produtiva”, que alguns decidem ocupá-lo com turismo para se livrar da monotonia do cotidiano.

Aparentemente não há nada de errado com este raciocínio, desde que limitado à sociedade e ao período histórico a que se refere. O problema surge quando estas características são adotadas para interpretar o crescimento do turismo em outros contextos sociais e períodos, como por exemplo o Brasil ou a Europa do século XXI. Este passou por profundas mudanças econômicas e sociais que alterou, entre outras coisas, a idade mínima para aposentadoria; aquele, carece de confirmação empírica sobre a ampliação e utilização do tempo pelos aposentados. Portanto, a relação entre turismo e tempo de não-trabalho precisa ser observada sob a perspectiva da configuração histórica, das instituições sociais e da trajetória econômica de cada sociedade.

c. Globalização

Há várias maneiras de definir o termo globalização e todas elas remetem à crescente influência dos processos econômicos, sociais e culturais internacionais sobre nações e regiões. No campo econômico, acentua-se a progressiva interdependência das empresas transnacionais. No campo social, a globalização é interpretada como um processo de compressão do espaço/tempo e ampliação da consciência da interdependência global, assinalada por uma perspectiva holística de defesa dos direitos humanos e do meio ambiente. No campo cultural, a globalização é vista como um processo dialético de homogenização e fragmentação cultural em âmbito planetário. Cada um destes aspectos do fenômeno da globalização pode ser desdobrado em muitos outros fatores, com profundas repercussões.

O turismo e a globalização são partes integrantes do capitalismo em processo de aceleração. Nesta perspectiva, o turismo é considerado como um dos vários fatores transformadores do sistema capitalista, ao lado dos avanços científicos e tecnológicos, do progresso nas ciências organizacionais e do próprio processo de globalização, que estão moldando uma nova estrutura social denominada de sociedade pós-industrial. Esta perspectiva embasa alguns dos mais importantes trabalhos publicados sobre turismo no Brasil. No parágrafo inicial da introdução do livro que inaugura a tradição acadêmica nacional de relacionar sociedade pós-industrial e turismo, e citado integralmente por Dias (2003) no capítulo sobre turismo e globalização, o professor Luiz Gonzaga Godoi Trigo escreve:

O turismo deixou de ser apenas um complexo socioeconômico para se tornar uma das forças transformadoras do mundo pós-industrial. Juntamente com as novas tecnologias (telecomunicações, engenharia genética, etc.), o turismo está ajudando a redesenhar as estruturas mundiais, influenciado a globalização, os novos blocos econômicos e, em última análise, a nova ordem internacional (Trigo, 1998: 9).

A abordagem desta monografia é diferente. Embora os impactos positivos e negativos do turismo na vida econômica, social e cultural de localidades, regiões e países, sejam amplamente reconhecidos, como demonstrado em uma série de monografia agrupadas na famosa tipologia das plataformas de estudo elaborada por Jafar Jafari, o presente trabalho não atribui ao turismo um papel preponderante nas transformações estruturais observadas a partir da segunda metade do século passado. Ao invés de causa, o turismo é uma das manifestações do processo de interdependência planetária que designado pelo nome de globalização. Mas o que é globalização?

Para permanecer fiel ao fio condutor das idéias deste capítulo, será adotada a definição apresentada pelo professor Domenico De Masi, que entende o fenômeno da globalização como uma tendência das sociedades humanas em explorar e colonizar outros territórios. Nesta perspectiva, o turismo nada mais é do que uma das mais potentes e bem acabadas expressões desta tendência.

d. Escolaridade

A elevação dos níveis de escolaridade, o quarto fator relacionado com o surgimento da sociedade pós-industrial na perspectiva do professor Domenico De Masi, é habitualmente relacionada com o crescimento da renda e da curiosidade cultural, dois

fatores que influenciam diretamente a demanda de turismo. Apenas para ilustrar estas afirmações, apresenta-se como exemplo o texto a seguir, retirado de um livro introdutório sobre turismo: “Há uma correlação entre o nível de educação e os níveis de renda dos grupos em uma sociedade. A partir de estudos americanos, notamos que há uma correlação bem desenvolvida entre o nível de educação atingido por uma pessoa e sua propensão para viajar (Lickorish e Jenkins, 2000: 83)”.

e. Mass media

O *mass media* não só contribuiu para o surgimento da sociedade pós-industrial como também consolidou o turismo como uma nova forma de lazer. Na verdade, o *mass media*, composto por redes eletrônicas de rádio e TV, cinemas e provedores de conteúdo para a Internet, é um dos mais fortes meios indutores de necessidades. Diariamente nas telas de cinema, nos monitores de computador e, principalmente, nos tubos catódicos de milhões e milhões de aparelhos de TV espalhados pelos quatro cantos do mundo entram novas paisagens, estilos de vida e elementos da cultura de povos distantes.

Características da sociedade pós-industrial interpretadas como benéficas para o crescimento do turismo

a. Mudança na ordem mental: novas necessidades e valores

A ação de todos os fatores que proporcionaram tanto o advento da sociedade pós-industrial quanto o crescimento do turismo tem gerado mudanças profundas na ordem mental das pessoas, que por sua vez tende a reforçar o crescimento do turismo. Um traço distintivo das sociedades pós-industriais é o surgimento de novas necessidades e valores.

Muitos estudos que se dedicam a abordar as motivações dos viajantes possuem como fonte a famosa “hierarquia das necessidades”, elaborada por Abraham H. Maslow. A teoria de Maslow argumenta que as necessidades humanas são graduais, colocadas em uma linha hierárquica ao longo da qual os indivíduos avançam ou se retraem no sentido de satisfazer progressivamente as necessidades fisiológicas, de segurança, sociais (relacionamento íntimo e amor), estima e auto-realização. As idéias de Maslow exerceram forte influência na psicologia acadêmica e fundamentaram uma longa série de pesquisas e estudos nos mais

diversos campos de conhecimento. Na área de turismo, Youell (2002: 44) relata que a hierarquia das necessidades de Maslow foi utilizada por Plog em 1973 para elaborar uma classificação do comportamento do turista, que foram dispostos em *não centrados*, *parcialmente centrados* e *psicologicamente centrados*.

Este é apenas um exemplo utilizado para ilustrar a apropriação da hierarquia das necessidades nos esforços classificatórios empreendidos pelos teóricos do turismo. Na verdade, as idéias de Maslow são absorvidas pela maioria dos estudiosos do turismo não como fundamento para a elaboração de outras teorias ou esquemas classificatórios, mas sim como justificativa para o crescimento do turismo nos últimos anos. O argumento pode ser reproduzido da seguinte maneira: uma vez que nas sociedades pós-industriais as necessidades básicas de parcelas cada vez maiores da população encontram-se satisfeitas, eles podem progredir no sentido satisfazer as necessidades de estima e auto-realização.

Os turistas às vezes usam suas experiências como forma de aumentar a estima entre seus pares. Determinados tipos de experiências relacionadas com o turismo também podem contribuir com a auto-realização ou satisfação pessoal, talvez em virtude de as pessoas sentirem-se espiritualmente iluminadas ou aprenderem um novo idioma (Youell, 2002: 44)

Novas necessidades também surgem a partir do incremento do consumismo: “filosofia que implica que a indústria produza os bens de consumo para setores cada vez mais amplos, que são levados a consumir por estarem convencidos de que são bens necessários (Dias, 2003: 55)”. O fabuloso aumento do consumismo observado a partir da segunda metade do século passado decorre da estabilidade econômica propiciada pelo estado do bem-estar social nos países desenvolvidos, da maior oferta de crédito para obter estes bens e, particularmente, do desenvolvimento do *mass media*, responsável pelo convencimento da demanda. Neste processo, opera-se uma verdadeira transmutação das viagens de lazer que de algo supérfluo tornam-se uma necessidade para milhões e milhões de pessoas.

A nova ordem mental que surge na sociedade pós-industrial em decorrência da progressiva intelectualização de todas as atividades humanas é caracterizada pela reabilitação de alguns valores como *subjetividade*, *estética* e *emoção*, bem como a emergência de outros, tais como *virtualidade*, *globalização*, *desestruturação do trabalho e do lazer*, e *qualidade de vida*.

A *subjetividade* pós-industrial se contrapõe ao anonimato e massificação do industrialismo. Nas sociedades pós-industriais pode-se observar uma crescente demanda

por destinos cada vez mais exclusivos. Neste sentido, o simples fato de viajar pode ser considerado uma maneira de se distinguir dos demais.

De Masi explica que à medida que um objeto ou serviço exaure suas funções práticas, acentuam-se as exigências *estéticas*. Esta é uma das razões do sucesso de destinações turísticas, meios de transporte, hotéis e atrações de alto padrão dirigidas a um público exclusivo. Um exemplo claro pode ser observado nos serviços das companhias aéreas. Se por um lado observamos profundos ajustes e redução dos serviços de bordo em algumas companhias aéreas, por outro ainda permanecem voando empresas especializadas em oferecer serviços de um alto padrão. Isto porque as cores, os sons e as boas maneiras não passam despercebidos pelos indivíduos da sociedade pós-industrial.

Na medida em que um número cada vez maior de pessoas está disposto a trocar a posse de bens materiais por experiências, o turismo tende a crescer. Uma parte significativa desta experiência é constituída pela busca incessante de novas *emoções*.

Virtualidade é uma dos valores que nasce com a sociedade pós-industrial. A palavra virtualidade é empregada em dois sentidos. Um, refere-se a imagens que tem seus pontos nos prolongamentos dos raios luminosos de um foco. Este tipo de realidade virtual pode ser encontrado facilmente nas telas de cinema e é cada vez mais explorado para a criação de atrações turísticas com elevado conteúdo tecnológico.

O outro sentido da palavra virtualidade refere-se ao fato de a relação com as pessoas e os objetos serem cada vez mais dissociadas da presença física. O poder das telecomunicações é o suporte material necessário para as relações virtuais. Os exemplos são intermináveis. Vão desde adolescentes de diferentes países que se encontram na Internet para uma emocionante disputa em um site de jogos eletrônicos, passando por pessoas em busca de um novo relacionamento amoroso ou simplesmente distração nos chats de bate papo, até empresas virtuais que comercializam ou disponibilizam textos, música e *softwares* para qualquer indivíduo com um terminal de computador, um modem e uma linha telefônica. Estes exemplos indicam que progressivamente a virtualidade está passando a fazer parte da vida de milhões e milhões de pessoas ao redor do mundo e se tornando um valor essencial para os incluídos na revolução digital.

A *globalização* é interpretada por De Masi tanto como uma força propulsora da sociedade pós-industrial quanto um valor que emerge com esta sociedade. Como valor, a

globalização indica uma maior familiaridade com o mundo inteiro. Familiarização provocada pelos meios de comunicação de massa de alcance global com seus satélites estacionários, fibras óticas que cruzam os oceanos, monopólios das agências produtoras de notícias e fusões milionárias de empresas telecomunicações, entretenimento e complexos de lazer. Vale lembrar que mundo não está ficando cada vez mais familiar apenas porque as pessoas passam mais tempo em frente à TV, lêem jornais e revistas ou navegam em *websites* escrito em outros idiomas. O mundo está mais familiar porque as pessoas transitam mais, seja mudando o local de residência ou trabalho seja viajando. Neste sentido, a mobilidade torna-se não só um valor nas sociedades pós-industriais como a própria essência de muitas viagens turísticas.

Talvez a *desestruturação do tempo de trabalho e lazer* seja o valor emergente na sociedade pós-industrial com implicações mais profundas sobre a incipiente teoria do turismo. A distinção entre casa e trabalho, local de produção e reprodução, trabalho e lazer, típicas da sociedade industrial está passando por profundas transformações. O cerne destas mudanças reside nas profundas alterações observadas na forma e na substância do trabalho, propiciadas pela revolução científica e tecnológica e pelo progresso nas ciências organizacionais. Para um melhor entendimento da afirmação acima, algumas idéias serão relembradas.

A primeira e mais simples característica da sociedade pós-industrial é a mudança de uma economia de bens para uma de serviços. Esta mudança, verificada empiricamente na composição da estrutura de empregos e do PIB, é seguida da alteração no tipo de trabalho que as pessoas executam. A classe profissional e técnica, caracterizada pelo exercício de funções que demandam um certo grau de educação superior, torna-se preeminente. Níveis crescentes de escolaridade são necessários para manejar conhecimentos teóricos, que passam a constituir o princípio axial a partir do qual Bell elabora o esquema conceitual da sociedade pós-industrial que De Masi depois estende para o âmbito da cultura.

Em uma sociedade baseada no conhecimento, o trabalho parcelizado e repetitivo, típico da sociedade industrial, é substituído por atividades de natureza flexível e criativa; a produção de bens materiais cede lugar a produção de bens imateriais (serviços, informações, símbolos, estética e valores); a fronteira entre estudo, trabalho e lazer tende a desaparecer; e a geopolítica internacional passa a ser determinada pelo monopólio das atividades científicas (De Masi, 1999).

Com o fim das fronteiras entre estudo, trabalho e lazer, algumas classificações clássicas do turismo precisam ser repensadas. Uma delas é a distinção entre viagens de lazer e viagens de negócios. O fim desta fronteira já pode ser observado empiricamente. Por um lado, há pessoas que viajam a lazer e participam de programas ou atividades divertidas com conteúdos educacionais. Uma visita ao *Epcot Center*, na Disney, ou uma excursão orientada na NASA, a agência aeroespacial norte-americana, são exemplos clássicos desta tendência. Por outro lado, é cada vez maior o número de executivos que aproveitam as viagens de negócios para atividades paralelas ou complementares de lazer para si próprios ou seus acompanhantes. A indústria turística, atenta a esta tendência e com o objetivo criar produtos que canalizem esta demanda, criou uma série de inovações para atender às expectativas deste grupo de viajante, tais como descontos para o prolongamento da estadia em hotéis durante os finais de semana e programação paralela para os acompanhantes de participantes em congressos, feiras e exposições. Como se vê, também no turismo a realidade parece ser muito mais veloz do que a capacidade dos intelectuais de elaborar teorias, como já havia observado Boaventura de Sousa Santos em livro de 1994.

O advento da sociedade industrial é acompanhado de um aumento da população das cidades sem precedentes na história da humanidade. Contudo, o crescimento das cidades não se fez acompanhar de melhora na *qualidade de vida* das pessoas. Pelo contrário. Geralmente, o crescimento das cidades é interpretado como deterioração da qualidade de vida. A degradação da vida urbana é atribuída à poluição em suas mais diversas manifestações: sons irritantes, congestionamentos cada vez maiores, dióxido de carbono em abundância na superfície terrestre, etc. Estas situações conduzem ao esgotamento físico e mental dos habitantes das cidades.

A viagem turística atual é uma decorrência da sociedade industrial que provocou uma concentração de pessoas em cidades, de tal sorte que a fuga desse meio ambiente tornou-se até mesmo uma questão de sobrevivência. A viagem turística passou a ser para o homem urbano atual um produto de primeira necessidade (Castelli, 2001: 16).

A conexão entre deterioração da qualidade de vida nas grandes cidades e crescimento do turismo – bastante comum em vários estudos sobre demanda turística – merece algumas observações. O imaginário sobre a cidade muda de acordo com a perspectiva adotada para analisar o crescimento do turismo. Na perspectiva da demanda, como vimos, a cidade é vista como um local hostil para muitos indivíduos, que por sua vez buscam recuperar energias em viagens de lazer que proporcionem a quebra da rotina por intermédio de experiências diversas das que estão habituados a ter em suas vidas cotidianas. Na

perspectiva da oferta, a cidade é vista como um destino turístico, suporte dos componentes essenciais e intermediários da indústria turística e para onde se dirigem 80% do fluxo internacional de turistas, de acordo com dados da Organização Mundial do Turismo. Em suma, o imaginário sobre as cidades apresenta-se de forma ambígua nos estudos turísticos. Todavia, seja repelindo seus moradores ou atraindo visitantes, as cidades cresceram juntamente com o turismo.

b. Inversão da relação entre empresa e sociedade

A inversão na relação entre empresa e sociedade, uma das principais características da sociedade pós-industrial, está em curso na indústria do turismo. Desde a criação do primeiro pacote turístico por Thomas Cook, que iniciou o processo de popularização das viagens de lazer, até o surgimento das grandes operadoras turísticas, com capacidade para promover diferentes destinos e canalizar demandas, os componentes do setor intermediário mostraram-se a parte mais dinâmica da indústria do turismo padronizando produtos, baixando custos e ampliando a demanda. Até aqui o grande sucesso destas empresas residiu em sua capacidade de oferecer produtos homogêneos para uma população ávida para satisfazer uma necessidade típica das sociedades industriais. As principais inovações das operadoras turísticas e agências de viagens visaram a integração e convergência de seus produtos.

As excursões organizadas por Thomas Cook consistiram no primeiro modelo de integração da indústria turística. Este processo de integração tem se intensificado nas últimas décadas com base nos suportes tecnológicos, o que tem permitido aos setores intermediários uma progressiva flexibilização da oferta de produtos turísticos para atender a uma demanda cada vez mais segmentada por características demográficas. Esta crescente flexibilização tem sido encarada como uma das principais características das empresas nas sociedades pós-industriais. A flexibilidade das empresas pós-industrial é contraposta à rigidez das empresas industriais. Contudo, esta é uma interpretação equivocada ou, na melhor das hipóteses, parcial.

Na transição da sociedade industrial para a pós-industrial observa-se a inversão da relação empresa e sociedade. As empresas deixam de ser a instância social hegemônica, com poder de impor hábitos, costumes e canalizar demandas por produtos homogêneos.

Observa-se o poder cada vez maior de jovens, donas de casa, artistas e políticos para ditar normas de comportamento e tendências de consumo. No turismo, esta inversão já pode ser percebida. Essa inversão, ainda em seus estágios iniciais, mas que tende a se acentuar, está associada tanto a fatores propulsores da sociedade pós-industrial, como a revolução científica e tecnológica, quanto a emergência de novos valores que tornam o global familiar e a transitoriedade uma virtude. Ou seja, o contato com outras realidades através dos meios de comunicação de massa e a interação com um número inimaginável de pessoas que conhecemos em situações de trabalho ou lazer, na vizinhança e nas viagens influenciam fortemente as opções relacionadas às viagens e colocam novos desafios para os agentes intermediários da indústria turística. Desafios referentes até mesmo à sobrevivência destes ramos de atividade. Uma tentativa clara de se ajustar aos novos tempos pode ser vista nos esforços para substituir a terminologia agente de viagens por consultor de viagens que, supostamente, não se limitaria apenas a fornecer algumas dicas de viagens e emitir o bilhete da passagem aérea.

O avanço na informática e nas telecomunicações está permitindo uma verdadeira revolução silenciosa atrás dos balcões das companhias aéreas. Os sistemas de reserva de passagens estão todos informatizados e caminham para uma integração cada vez maior entre as companhias aérea de diferentes países, como por exemplo a *star alliance*. Esta revolução também está provocando profundas mudanças na frente do balcão das companhias aéreas. É cada vez maior a quantidade de pessoas que escolhem seu destino, compram bilhetes aéreos, alugam carros e quartos de hotéis, adquirem ingressos para apresentações artísticas, reservam mesas em restaurantes badalados e pagam todas estas despesas a partir de um terminal de computador com acesso à Internet e um cartão de créditos. Esta revolução silenciosa na forma de organização das viagens tem despertado muitos debates e propostas não apenas sobre o futuro dos operadores turísticos e das agências de viagens, mas também sobre a própria essência da atividade turística.

c. Mudança na ordem existencial

A passagem da sociedade industrial para a pós-industrial é marcada por uma mudança na ordem existencial. O que isso quer dizer? Que dizer que com a desestruturação entre o tempo de trabalho e o tempo de não-trabalho surgem novas formas de convivência profundamente diferentes da anterior. A principal característica destas novas formas de

convivência é a transitoriedade das relações sociais. No turismo esta transitoriedade é levada ao paroxismo. O turista apenas passa pelos lugares, pessoas e objetos sem estabelecer com eles qualquer relação mais profunda. Esta relação transitória é o principal argumento daqueles que apontam os limites do turismo para a promoção da paz mundial.

d. Mudança na ordem urbana

Uma profunda transição na ordem urbana marca de forma indelével a transição da sociedade industrial para a pós-industrial. Nesta mudança, a *telepolis* se sobrepõe a metrópolis, a distinção entre casa e trabalho tende a esmaecer com o tele-trabalho, a vida doméstica e social tende a se misturar com a vida profissional, as atividades de produção com as de reprodução, o trabalho com o lazer, o público com o privado. A influência destas transições na ordem urbana sobre o turismo é assunto que tem recebido pouca atenção dos analistas.

O turismo na sociedade em rede

Introdução

Já se tornou tradição nos estudos que consideram o turismo um fenômeno típico das sociedades modernas, associá-lo ao capitalismo. Essa vertente de estudos geralmente correlaciona as fases do turismo às fases do capitalismo. Assim, o turismo teria nascido com o capitalismo e se transformado à medida que o capitalismo se modificava em sucessivas fases. Profundas transformações ocorridas na estrutura social, na política e na cultura a partir do fim da Segunda Guerra Mundial são apontadas como o início da terceira fase de desenvolvimento do sistema capitalista. Embora esta terceira fase tenha recebido várias denominações, o termo “pós-industrial” tornou-se o mais difundido, inclusive nos trabalhos sobre turismo.

A influência das teses dos teóricos do pós-industrialismo é notadamente acentuada sobre os autores nacionais que se dedicam ao estudo das condições sócio-históricas da emergência do turismo no Brasil. Uma evidência desta influência pode ser constatada em diversos livros e artigos que trazem no título a palavra “pós-industrial”.³ Entre os pesquisadores brasileiros, o professor titular da PUC-Campinas, Luiz Gonzaga Godoi Trigo, pode ser considerado o pioneiro e mais bem sucedido autor sobre a relação entre sociedade pós-industrial e turismo. Os dois livros de sua autoria a respeito deste assunto, *Turismo e qualidade: tendências contemporâneas*, publicada pela primeira vez em 1993, e *A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo*, de 1998, encontram-se, atualmente, na 9ª e 7ª edição, respectivamente, e constituem referência bibliográfica fundamental em muitos cursos universitários.

Segundo o professor Trigo, a pobreza, a miséria e a injustiça social não servem de desculpas para evitar o debate sobre o crescimento e a importância do turismo nos países em desenvolvimento, pois existem vários “bolsões” com características pós-industriais nos países latino-americanos. Por isso, ele sugere que “quando atualmente se analisa o

³ O título de algumas destas obras, bem como o nome do autor, pode ser consultado nas referências bibliográficas desta monografia. Outros títulos podem ser consultados no site: www.abbtur.com.br.

fenômeno turístico, não se pode fazê-lo fora de um contexto que envolve a cultura, as artes e o lazer, conjunto este inserido, por sua vez, na dinâmica e complexidade pós-industrial” (Trigo, 2001a: 19).

Há relativamente poucas dúvidas sobre a importância de analisar o turismo dentro de um contexto mais amplo. A polêmica inicia-se no momento de definir o referencial teórico mais apropriado para interpretar as profundas transformações sociais observadas nas últimas décadas. Atualmente, as principais teses do pós-industrialismo são objeto de um número cada vez maior de ressalvas por parte de pesquisadores interessados no processo de mudança social. Além disso, as previsões de uma vida boa para todos, tão em voga no auge dos debates sobre o pós-industrialismo nos anos 70, parecem não ter sido concretizadas nem nos países mais avançados e muito menos nos países em desenvolvimento, apesar da existência de “bolsões de riqueza” em muitas nações localizadas abaixo da linha imaginária do Equador.

Uma interpretação mais recente sobre as mudanças sociais em curso na atualidade pode ser encontrada nos três volumes da obra *A era da informação: economia, sociedade e cultura*, de Manuel Castells. Substituir o pós-industrialismo pelo informacionalismo como referencial teórico básico para interpretar o papel do turismo nas sociedades contemporâneas – o cerne deste trabalho – não é apenas um mero exercício de retórica acadêmica. Por exemplo, ao dividir as atividades do setor de serviços de acordo com o local da atividade na cadeia de conexões que se inicia no processo produtivo, a teoria proposta por Castells pode superar uma das principais limitações das teorias do pós-industrialismo, que é situar o turismo em relação às outras atividades econômicas agrupadas sob o título de serviços. Desta forma, os números estatísticos que colocam o turismo entre as principais atividades econômicas do mundo em volume de capital transacionado - ao lado da indústria bélica e petrolífera - e que têm seduzido empresários, governantes e analistas, precisarão ser revistos.

Além desta breve introdução, o capítulo é composto por mais duas partes. A primeira, inicia-se com a apresentação dos dois fatores indicados por Castells como preponderantes para o surgimento de uma nova sociedade e termina com algumas ressalvas feitas pelo sociólogo espanhol às principais afirmações e previsões que sustentam a teoria do pós-industrialismo em todas as suas versões e interpretações. A segunda, apresenta a tese de que adotar a teoria do informacionalismo para interpretar o papel do turismo nas

sociedades contemporâneas implica uma revisão das datas usualmente utilizadas para designar o início da fase atual de desenvolvimento do turismo.

Castells: capitalismo informacional

Para o sociólogo espanhol radicado nos EUA, Manuel Castells, a nova sociedade que começa a se formar a partir da II Guerra Mundial é fruto do desenvolvimento do informacionalismo e da reestruturação do sistema capitalista. Este dois processos distintos, mas profundamente inter-relacionados, são mais bem compreendidos se separados analiticamente.

A noção de informacionalismo proposta por Castells situa-se no âmbito da distinção entre modos de produção e modos de desenvolvimento. Esta distinção, que tem início em trabalhos clássicos de Alain Touraine e Daniel Bell e já se tornou tradicional nas teorias do pós-industrialismo, afirma que as sociedades podem ser caracterizadas ao longo de dois eixos distintos: o eixo dos modos de produção, no qual se opõem capitalismo e estatismo (ou coletivismo, segundo Bell), e o eixo dos modos de desenvolvimento, no qual se situam o pré-industrialismo, o industrialismo e o pós-industrialismo (ou informacionalismo, segundo Castells). Estas distinções analíticas fundamentam a perspectiva teórica apresentada por Castells. A forma como os modos de produção e os modos de desenvolvimento interagem conforme a diversidade de culturas e instituições em todo o planeta constituem as manifestações empíricas das estruturas sociais.

Neste ponto, talvez seja útil apresentar a concepção de sociedade que fundamenta a teoria de Castells. Segundo o professor da Universidade da Califórnia,

as sociedades são organizadas em processos estruturados por relações historicamente determinadas de *produção*, *experiência* e *poder*. *Produção* é a ação da humanidade sobre a matéria (natureza) para apropriar-se dela e transformá-la em seu benefício, obtendo um produto, consumindo (de forma irregular) parte dele e acumulando o excedente para investimento conforme os vários objetivos socialmente determinados. *Experiência* é a ação dos sujeitos humanos sobre si mesmos, determinada pela interação entre as identidades biológicas e culturais desses sujeitos em relação a seus ambientes sociais e naturais. É construída pela eterna busca da satisfação das necessidades e desejos humanos. *Poder* é aquela relação entre sujeitos humanos que, com base na produção e na experiência, impõe a vontade de alguns sobre os outros pelo emprego potencial ou real de violência física ou simbólica. As instituições sociais são constituídas para impor o cumprimento das relações de poder existentes em cada período histórico, inclusive os controles, limites e contratos sociais conseguidos nas lutas pelo poder (Castells, 1999: 33).

Os modos de produção são constituídos por um conjunto de regras que regem a apropriação, a distribuição e o uso do excedente. Diferentes regras, diferentes modos de

produção. Ou seja, cada modo de produção é caracterizado pelo princípio estrutural de apropriação e controle do excedente. Ao longo do século XX, o mundo teve, essencialmente, dois modos predominantes de produção: o capitalismo, cujo princípio estrutural básico é a apropriação e controle do excedente por parte dos capitalistas, proprietários dos meios de produção que visam a maximização dos lucros; e o estatismo, cujo princípio estrutural básico é o controle do excedente pelos detentores do poder estatal, que visavam a maximização do poder com base no aumento da capacidade militar e ideológica.

Os modos de desenvolvimento, explica Castells, são definidos pelas relações técnicas de produção. As relações técnicas de produção referem-se à maneira como a mão-de-obra atua sobre a matéria para gerar o produto e, em última análise, gerar o excedente que, apropriado segundo os princípios estruturais, caracterizam cada modo de produção. Esta atuação do homem sobre a matéria é mediada pela aplicação de energia e conhecimento, que definem os níveis de produtividade. Dessa forma, cada modo de desenvolvimento é definido pelo elemento fundamental à promoção da produtividade no processo produtivo e tem, também, um princípio de desempenho estruturalmente determinado que serve de base para a organização dos processos tecnológicos.

No modo de desenvolvimento agrário o elemento fundamental à promoção da produtividade é o aumento quantitativo da mão-de-obra e dos recursos naturais. No modo de desenvolvimento industrial, é a introdução de novas fontes de energia e a capacidade de descentralização da energia ao longo dos processos produtivos e de circulação. No modo de desenvolvimento informacional, é o uso da tecnologia na geração de conhecimento, processamento de informação e comunicação de símbolos. Segundo Castells, a especificidade do modo de produção informacional reside na ação do conhecimento sobre os próprios conhecimentos como principal fonte de produtividade.

O processo de informação é focalizado na melhoria da tecnologia do processamento da informação como fonte da produtividade, em um círculo virtuoso de interação entre as fontes de conhecimentos tecnológicos e a aplicação da tecnologia para melhorar a geração de conhecimentos e o processamento da informação: é por isso que, voltando à moda popular, chamo esse novo modo de desenvolvimento de informacional, constituído pelo surgimento de um novo paradigma tecnológico baseado na informação (Castells, 1999: 35).

No industrialismo, o princípio de desempenho que serve de base para a organização dos processos tecnológicos é voltado para o crescimento da economia, isto é, para a maximização da produção. No informacionalismo, este princípio visa o desenvolvimento

tecnológico, ou seja, a acumulação de conhecimento e maiores níveis de complexidade do processo da informação. Segundo Castells, este princípio de desempenho, que serve de base para a organização dos processos tecnológicos, difunde-se para todo o conjunto das relações e estruturas sociais, modificando-os. Ou em outras palavras, a tecnologia e as relações técnicas de produção que definem um modo de desenvolvimento, portanto relações historicamente determinadas de *produção*, difundem-se e alteram a dimensão do *poder* e da *experiência*. Por este motivo, Castells designa a nova estrutura social emergente de informacional, rejeitando o termo pós-industrial.

O segundo processo apontado como crucial para o surgimento de uma nova estrutura social a partir da segunda metade do século XX é a reestruturação do sistema capitalista a partir dos anos 80. Segundo Castells, o modelo keynesiano de crescimento capitalista atingiu as próprias limitações no início da década de 70, manifestando-se como uma ameaça de inflação desenfreada com o aumento do preço do petróleo em 1974 e 1979. Nesta década, tem início, então, a reestruturação do sistema capitalista com medidas de desregulamentação, privatização e destamantelamento do contrato social entre capital e trabalho que fundamentou a estabilidade do modelo keynesiano. Foram cruciais para a velocidade e a eficiência desta reestruturação a inovação tecnológica e a transformação organizacional com enfoque na flexibilidade e na adaptabilidade. “Portanto, o informacionalismo está ligado à expansão e ao rejuvenescimento do capitalismo, como o industrialismo estava ligado a sua constituição como modo de produção (Castells, 1999: 37)”.

Estas considerações iniciais sobre os dois principais fatores apontados por Castells como preponderantes para o surgimento de um novo modo de desenvolvimento do sistema capitalista são de fundamental importância para situar a abordagem do professor da Universidade de Berkeley face às teorias clássicas do pós-industrialismo. Em comum, há a percepção de que o processo de trabalho ocupa o cerne da estrutura social e, portanto, uma transformação na estrutura ocupacional (composição das categorias profissionais e empregos) é a expressão sistêmica mais direta do processo de transição histórica.

Segundo Castells, a teoria clássica do pós-industrialismo – tal qual formulada por Daniel Bell para indicar uma transição histórica no âmbito da estrutura social e estendida por outros autores para a esfera das classes sociais, da política e da cultura – combinou três afirmações e previsões que devem ser diferenciadas analiticamente: “a) a fonte de

produtividade e crescimento reside na geração de conhecimentos, estendidos a todas as esferas da atividades econômica mediante o processamento de informação; b) a atividade econômica mudaria da produção de bens para a prestação de serviços (...); c) a nova economia aumentaria a importância das profissões com grande conteúdo de informação em suas atividades (...) (Castells, 1999: 225)”.

Na maior parte destas formulações, Castells observa que está implícita uma espécie de “lei natural das economias e sociedades”, segundo a qual há um único caminho na trajetória da modernidade e este caminho é liderado pela sociedade norte-americana. Castells propõe, então, uma abordagem diferente, que considera a variação histórica de modelos de mercado de trabalho segundo instituições, cultura e ambientes políticos. Para isso, ele faz importantes ressalvas em cada uma das três afirmações e previsões que fundamentam a teoria clássica do pós-industrialismo.

Primeiro, Castells admite que conhecimento e informação parecem ser as fontes principais de produtividade e crescimento nas sociedades avançadas, como afirma a teoria clássica do pós-industrialismo. Contudo, ele observa, as teorias do pós-industrialismo foram baseadas em pesquisas realizadas na primeira metade do século XX, durante o auge do industrialismo. Portanto, ele conclui, o papel do conhecimento e da informação como fonte do crescimento e da produtividade não é a característica distintiva da economia da primeira e da segunda metade do século XX. Para Castells,

a distinção apropriada não é entre uma economia industrial e uma pós-industrial, mas entre duas formas de produção industrial, rural e de serviços baseada em conhecimentos. (...) o que é mais distintivo em termos históricos entre as estruturas econômicas da primeira e da segunda metade do século XX é a revolução nas tecnologias da informação e sua difusão em todas as esferas de atividade social e econômica, incluindo sua contribuição no fornecimento da infra-estrutura para a formação de uma economia global. Portanto, proponho mudar a ênfase analítica do pós-industrialismo (uma questão pertinente de previsão social ainda sem resposta no momento de sua formulação) para o informacionalismo. Nesta perspectiva, as sociedades serão informacionais, não porque se encaixem em um modelo específico de estrutura social, mas porque organizam seu sistema produtivo em torno de princípios de maximização da produtividade baseada em conhecimentos, por intermédio do desenvolvimento e da difusão de tecnologias de informação e pelo atendimento dos pré-requisitos para sua utilização (principalmente recursos humanos e infra-estrutura de comunicações) (Castells, 1999: 226).

A mudança para as atividades de serviços e o fim da indústria, o segundo critério das teorias pós-industrialistas para considerar uma sociedade como pós-industrial, é visto por Castells com ressalvas de ordem empírica e conceitual. Empiricamente, Castells não discute o fato óbvio de que nas economias avançadas o setor de serviços é responsável pela maior parte dos empregos e contribuição para o PIB. Contudo, ele se opõe à tese do

progressivo fim das indústrias. Em alguns casos o sucesso do setor de serviços depende diretamente de suas conexões com a indústria e que a própria indústria é importante para a produtividade e competitividade da economia. Conceitualmente, a noção de “serviços” é considerada por Castells como ambígua ou errônea. Nas estatísticas de emprego ela aparece como um conceito residual que abarca tudo que não é agricultura, mineração, construção, empresas de serviço público ou indústria. Para entender o novo tipo de economia e a estrutura social característicos da sociedade informacional é necessário “abandonar o antigo paradigma do Colin Clark, baseado na distinção de setores primário/secundário/terciário. Tal distinção tornou-se um obstáculo epistemológico ao entendimento de nossas sociedades (Castells, 1999: 227)”.

A terceira característica da sociedade pós-industrial na verdade é um prognóstico: o cerne da nova estrutura social seria ocupado por profissionais especializados e técnicos. Castells contrapõe este prognóstico ao simultâneo crescimento das profissões em serviços mais simples e não-qualificados para concluir que uma das principais características das sociedades informacionais é o aumento da participação destes dois extremos na estrutura ocupacional em detrimento da camada intermediária.

Todavia, a crítica mais contundente de Castells incide diretamente sobre a suposição de que estas três características se unem na evolução histórica e que esta evolução conduziria a um novo tipo de estrutura social liderada pela sociedade norte-americana. A este respeito basta dizer que, para Castells, a conexão histórica entre estes três processos ainda precisa ser submetida à confirmação empírica.

Para saber se um paradigma econômico e tecnológico específico induz uma estrutura social específica é necessário fazer uma distinção analítica entre a lógica estrutural do sistema produtivo, que nas sociedades contemporâneas Castells denomina de informacional, e a estrutura social, cujo cerne é o trabalho. Castells também considera necessário ampliar o escopo cultural e institucional para distinguir o que pertence à estrutura da sociedade informacional e o que é específico da trajetória histórica de determinado país. O principal objetivo de Castells ao propor estas distinções analíticas é tentar diferenciar as várias atividades que compõem o setor de serviços e remodelar a análise sociológica das sociedades avançadas. Continuar a acompanhar Castells nesta jornada intelectual iria desviar o texto do objetivo central deste capítulo, que consiste,

basicamente, em remodelar a interpretação da conexão histórica entre mudança social e turismo.

Turismo informacional: o início de uma nova fase

No segundo capítulo desta monografia, os fatores propulsores de mudanças sociais foram propostos como critério para dividir as etapas do turismo. A noção de mudança social foi referenciada no âmbito da teoria do pós-industrialismo, elaborada por Daniel Bell e interpretada por Domenico De Masi. Com base neste critério, foi sistematizada a tese de que os mesmos fatores propulsores do advento da sociedade pós-industrial e as características deste novo sistema social são também responsáveis pelo surgimento de uma nova etapa de desenvolvimento do turismo, denominada turismo de massas.

Na seção anterior deste capítulo, foram apontadas algumas ressalvas nas principais afirmações e previsões que fundamentam as teorias do pós-industrialismo e exposto brevemente um novo referencial teórico para interpretar o processo de mudança social observado nas últimas décadas. Empregar a teoria de Castells para assinalar o início de uma nova fase do desenvolvimento histórico do turismo é o objetivo dos próximos parágrafos. A pergunta a ser respondida é: quais são as implicações da teoria do informacionalismo elaborada por Castells para a interpretação da conexão entre mudança social e turismo?

Adotar a teoria do informacionalismo proposta por Castells para interpretar a profunda mudança social em curso nas últimas décadas implica, inicialmente, uma reformulação na data simbólica que marca o início da atual fase de desenvolvimento do turismo. De acordo com o critério de periodização proposto, cada etapa do desenvolvimento do turismo corresponde a um período histórico específico, marcado por profundas mudanças sociais. Assim, o turismo de massas teria iniciado por volta de meados da década de 50, período no qual Bell observou alterações na estrutura ocupacional e na composição do PIB norte americano que consistem na primeira e mais simples característica da sociedade pós-industrial. Na perspectiva do informacionalismo, a atual fase de desenvolvimento do turismo tem início apenas na década de 70, tendo como marco histórico as duas crises do petróleo que sinalizam o início do processo de reestruturação do

sistema capitalista, um dos fatores apontados por Castells como propulsor do advento de uma nova estrutura social, denominada por Castells de sociedade em rede.

A decisão da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) de restringir a produção mundial de petróleo o que, portanto, elevou seu preço e, conseqüentemente, aumentou os custos das viagens, tem sido interpretada como um simples fator conjuntural associado à diminuição substancial da demanda por turismo internacional na segunda metade da década de 70 e início da década de 80. Outros dois fatos conjunturais que afetaram a demanda por turismo internacional nos primeiros anos da década de 90 e do novo milênio foram, respectivamente, a Guerra do Golfo no Oriente Médio e os atentados terroristas de 11 de setembro nos Estados Unidos.

É óbvio, mas não surpreende, que essas variações da demanda por turismo internacional estão associadas com flutuações no desempenho global; em termos gerais, os períodos de rápida expansão da atividade econômica mundial testemunharam o crescimento mais veloz do turismo internacional (...). O oposto mostrou-se verdadeiro quando o crescimento da economia mundial foi reprimido (Youell, 2002: 37).

Com base na teoria do informacionalismo é possível delinear uma interpretação diferente para a crise do petróleo dos anos 70 que afetou a demanda por turismo internacional. Muito mais do que uma simples restrição conjuntural, a crise do petróleo dos anos 70 sinaliza uma inflexão estrutural no crescimento do turismo internacional e marca o início da atual fase do turismo, que pode ser denominada de “turismo informacional”.⁴

A redução nas taxas de crescimento do turismo nos últimos anos foi assinalada por vários autores com base em dados estatísticos fornecidos pela Organização Mundial de Turismo (OMT), que, por sua vez, baseia-se em informações de fontes governamentais. Em grande parte, as informações coligidas pela OMT dizem respeito a duas medidas comuns de turismo: número de chegadas registradas em cada país e os níveis de gastos efetuados pelos visitantes. Embora as medidas de turismo fornecidas pela OMT ignorem a importância das viagens domésticas, apresentem procedimentos de mensuração imprecisos e sejam suscetíveis a crescentes problemas de definição, elas permanecem como a fonte de dados de maior abrangência, disponibilidade e aceitação.

Os fatos básicos da indústria moderna internacional do turismo são bem conhecidos e podem ser rapidamente mencionados. De acordo com os dados da OMT, em 1950, havia 25 milhões de chegadas internacionais de turistas e o valor da receita correspondente era de US\$ 2,1 bilhões. Em 1998, as

⁴ A expressão “turismo informacional” é adota aqui apenas para manter a correspondência entre os modos de desenvolvimento das sociedades e as etapas do turismo.

chegadas internacionais aumentaram para aproximadamente 635 milhões, e o valor arrecadado foi de US\$ 439 bilhões. Durante esses 48 anos, o aumento médio anual nas chegadas foi por volta de 7%; no que se refere à receita, a média foi um pouco mais que 11,5%. A tentação em concluir que o turismo internacional está sujeito a crescimento exponencial ininterrupto é muito óbvia, mas (...) é também errônea, uma vez que é evidente que as taxas de crescimento estão diminuindo.

(...) a taxa de crescimento das chegadas de turismo internacional tem uma média de somente pouco mais de 4% ao ano, entre 1990 e 1998, mas com grandes diferenças regionais.

(...) durante os anos 90 houve crescimento no volume de dólares americanos em termos atuais, com uma taxa anual de 6,4% em 1998 (Todd, 2003: 5-7)

Em resumo, a taxa de crescimento das chegadas de turismo internacional caiu de 7% entre 1950 e 1998 para 4% entre 1990 e 1998. Nos mesmos períodos, a taxa de crescimento da receita gerada pelo turismo caiu de 11,5% para 6,4%. Ou seja, o turismo continua crescendo, mas em uma taxa um pouco menor do que a observada até início dos anos 90.

Será que a redução nas taxas de crescimento do turismo é apenas o reflexo óbvio de “flutuações no desempenho global da economia” ou pode ser relacionada a um conjunto mais amplo de transformações estruturais na composição da demanda? Esta segunda alternativa parece ser a que fundamenta as preocupações da OMT que, atenta à análise dos dados que divulga, solicitou um estudo sobre o tempo de lazer a Colin Clark, o autor da célebre divisão da economia em setores primário, secundário e terciário que Castells considera um obstáculo epistemológico para o entendimento da sociedade em rede.

A tentação em concluir que o turismo internacional está sujeito a um crescimento ininterrupto graças ao aumento da renda e do tempo livre dos trabalhadores é tão óbvia quanto equivocada, como demonstra o resultado dos estudos realizados por Colin Clark para a OMT. Em artigo intitulado *O futuro do Lazer*, Clark (2003) reconhece que o sonho de uma boa vida prometida pela sociedade pós-industrial está cada vez mais remoto e que nem sempre o aumento da renda e do tempo livre se converte na compra de experiências ao invés de bens. Após coletar e analisar informações sobre lazer e turismo em dezoito dos mais importantes países geradores de turismo no mundo, o consultor da OMT conclui que:

A competição na economia mundial está freando, então, o aumento do tempo de lazer. Os empregados estão mais preocupados com a estabilidade no emprego e com a renda do que com férias longas. Um aumento na expectativa de vida e um controle nos gastos públicos estão obrigando governos a reduzir e a indeferir aposentadorias, obrigando o aposentado a ter maior consciência de valor (Clark, 2003: 79).

A inflexão na tendência de aumento do tempo de lazer assinalada por Clark está profundamente relacionada com o processo de reestruturação do sistema capitalista em

escala planetária. Este processo é considerado por Castells como decisivo para a formação do paradigma da tecnologia da informação e suas conseqüentes formas sociais.

O modelo keynesiano de crescimento capitalista, que levou prosperidade econômica sem precedentes e estabilidade social à maior parte das economias de mercado durante quase três décadas após a Segunda Guerra Mundial, atingiu as próprias limitações no início da década de 70, e sua crise manifestou-se sob a forma de inflação desenfreada. Quando os aumentos do preço do petróleo em 1974 e 1979 ameaçavam desencadear uma espiral inflacionária incontável, governos e empresas engajaram-se em um processo de reestruturação mediante um método pragmático de tentativa e erro, que ainda esta em curso em meados da década de 90. Mas, nesta década, há um esforço mais decisivo a favor da desregulamentação, privatização e do desmantelamento do contrato social entre capital e trabalho, que fundamentou a estabilidade do modelo de crescimento anterior. Em resumo, uma série de reformas, tanto no âmbito das instituições como do gerenciamento empresarial, visavam quatro objetivos principais: aprofundar a lógica capitalista de busca de lucro nas relações capital/trabalho; aumentar a produtividade do trabalho e do capital; globalizar a produção, circulação e mercados, aproveitando a oportunidade das condições mais vantajosas para a realização de lucros em todos os lugares; e direcionar o apoio estatal para ganhos de produtividade e competitividade das economias nacionais, freqüentemente em detrimento da proteção social e das normas de interesse público. A inovação tecnológica e a transformação organizacional com enfoque na flexibilidade e na adaptabilidade foram absolutamente cruciais para garantir a velocidade e a eficiência da reestruturação. (...) Sem dúvidas, o processo de reestruturação teve manifestações muito diferentes nas regiões e sociedades de todo o mundo (...): foi desviado de sua lógica fundamental pelo keynesianismo militar da administração Reagan, criando dificuldades ainda maiores para a economia norte-americana no fim da euforia artificialmente estimulada; foi um tanto limitado na Europa Ocidental em razão da resistência da sociedade ao desmantelamento do estado do bem-estar social e à flexibilidade unilateral do mercado de trabalho; foi absorvido no Japão sem mudanças drásticas, com ênfase na produtividade e competitividade baseada em tecnologia e cooperação em vez de aumentar a exploração, até que pressões internacionais forçaram o Japão a estabelecer sua produção no exterior e a ampliar o papel de um desprotegido mercado de trabalho secundário; e mergulhou as economias da África (exceto a África do Sul e Botsuana) e da América Latina (com exceção do Chile e da Colômbia) em uma grande recessão, nos anos 80, quando as políticas do Fundo Monetário Internacional (FMI) cortaram o fornecimento de dinheiro e reduziram os salários e as importações para homogeneizar as condições de acumulação de capital global em todo o mundo. A reestruturação prosseguiu com base na derrota política das organizações de trabalhadores nos principais países capitalistas e na aceitação de uma disciplina econômica comum pelos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) (Castells, 1999: 36-7).

Analisar o papel do turismo na sociedade em rede, na economia informacional e na cultura da virtualidade real é um desafio que merece a pena ser respondido por todos aqueles que não querem correr o risco de criar conceitos e teorias fora do lugar.

Considerações finais

O nascimento da sociedade industrial a partir de meados do século XVIII despertou um intenso debate sobre seus aspectos econômicos, sociais, políticos, filosóficos e culturais. Dois séculos depois, uma nova transformação de época desencadeou centenas de hipóteses interpretativas e tentativas de previsão social. Naquele momento, foram os filósofos que monopolizaram a discussão; atualmente, são os economistas e sociólogos. Em ambas as ocasiões, a ciência e a tecnologia desempenharam papel fundamental.

Esta monografia apresentou a interpretação de três sociólogos para o conjunto de transformações ocorridas na organização social a partir da segunda metade do século XX e as relacionou com o crescimento do turismo em escala planetária. Apesar das divergências, todos eles concordam que é necessário elaborar novos conceitos e teorias para interpretar a mudança social em curso, assim como fizeram os filósofos do passado.

O primeiro a notar a nova configuração da economia foi o sociólogo norte americano Daniel Bell. No seu célebre ensaio *The Coming of Postindustrial Society: a venture in social forecasting*, publicado em 1973 e republicado três anos depois com uma nova e esclarecedora introdução, ele assinalou que por volta de 1956, nos Estados Unidos, pela primeira vez no mundo, os trabalhadores do setor terciário ultrapassaram os trabalhadores do setor secundário e primário em número de empregos e contribuição para o Produto Interno Bruto (PIB).

Até o final da década de 70 e início dos anos 80, o mesmo fenômeno de terceirização se completou na Alemanha, França, Grã Bretanha, Itália e Japão. Este fenômeno é considerado por Bell como a primeira e mais simples característica da sociedade pós-industrial. A este componente básico, juntam-se outros quatro: a preeminência da classe profissional e técnica; a centralidade do conhecimento teórico como fonte de inovação e de formulação de política para a sociedade; o controle da tecnologia e a distribuição tecnológica; e a criação de uma “tecnologia intelectual”.

Analicamente, Daniel Bell divide a sociedade em três dimensões: estrutura social, política e cultura. Esta divisão fundamenta dois importantes aspectos da abordagem proposta pelo professor da Universidade de Harvard. Primeiro, o conceito de sociedade pós-industrial refere-se, prioritariamente, a mudanças ocorridas na estrutura social

(composta pela economia, tecnologia e sistema ocupacional) e apenas secundariamente a transformações ocorridas na política e na cultura. Segundo, a tecnologia é o elemento central no processo de reconfiguração de todas as três dimensões da sociedade.

Esses dois aspectos são apenas um dos muitos pontos nos quais a abordagem de Domenico De Masi diverge do esquema conceitual elaborado por Daniel Bell. Ao contrário de Bell, De Masi rejeita a primazia da tecnologia sobre os outros fatores propulsores da sociedade pós-industrial. Para o professor da Universidade de Roma, tecnologia, globalização, progresso nas ciências organizacionais, escolarização e *mass media* atuam em relação recíproca de causa e efeito e, portanto, nenhum pode ser considerado como preponderante no advento da sociedade pós-industrial. Além disso, o sociólogo italiano considera que todos estes fatores afetam diretamente não só a estrutura social, mas também o sistema político e cultural, criando um novo método científico, alterando a ordem mental com novas necessidades e valores, invertendo a relação entre empresa e sociedade, modificando a ordem existencial das pessoas e transformando a ordem urbana.

Os fatores e características da sociedade pós-industrial descritos e analisados por Domenico De Masi foram utilizados para explicar os formidáveis índices de crescimento do turismo registrados na segunda metade do século XX. A correlação entre sociedade pós-industrial e turismo, realizada no segundo capítulo desta monografia, pressupõe um novo critério para dividir as fases do turismo e uma apropriação teoria do pós-industrialismo por parte dos pesquisadores do turismo.

Os tradicionais critérios utilizados para dividir as fases do turismo, geralmente mudanças nas motivações das viagens ou avanços tecnológicos nos meios de transporte, foram substituídos por fatores relacionados com as transformações sociais de longo alcance. Este tipo de abordagem fundamenta os estudos que associam as etapas de desenvolvimento do turismo às sucessivas transformações nos modos de produção. A interação dos modos de produção com os modos de desenvolvimento constituem as manifestações empíricas das estruturas sociais. A interação entre o modo de produção capitalista e o modo de desenvolvimento pós-industrial deu origem a uma nova estrutura social emergente nos Estados Unidos a partir de meados da década de 50, denominada por Daniel Bell de sociedade pós-industrial. Rapidamente a expressão “sociedade pós-

industrial” foi incorporada pela literatura sociológica sobre mudança social e passou a ser interpretada como a terceira etapa de desenvolvimento do modo de produção capitalista.

De acordo com os critérios de periodização do turismo propostos, os fatores propulsores de mudanças sociais de longo alcance também inauguram uma nova fase de desenvolvimento do turismo. Entretanto, nem todas as idéias utilizadas para interpretar a sociedade pós-industrial servem para explicar o crescimento do turismo logo após a Segunda Guerra Mundial. Se por um lado idéias como revolução científica e tecnológica, progresso nas ciências organizacionais, globalização, escolarização, influencia do *mass media* e surgimento de uma nova ordem mental, propostas por Domenico De Masi para interpretar a sociedade pós-industrial, podem facilmente ser casadas com o crescimento do turismo de massas, outras mais arrojadas, como a desestruturação entre o tempo de trabalho e lazer ou o surgimento de uma nova ordem urbana na qual a telepolis se sobrepõe à metropolis, não encontram par. Em suma, as principais afirmações e previsões da teoria do pós-industrialismo foram apropriadas de forma seletiva ou equivocada pelos teóricos do turismo.

Os equívocos derivam, basicamente, das tentativas de estender os principais fatores associados ao crescimento do turismo nos países mais avançados, durante as três décadas subseqüentes à Segunda Guerra Mundial, para outros períodos históricos ou contextos sociais, sem levar em consideração a diversidade de culturas e instituições que moldam as manifestações específicas da estrutura social em todo o planeta. Equívocos desta natureza podem ser observados nas tentativas de explicar o crescimento do turismo nos países mais desenvolvidos a partir da contínua ampliação do tempo livre dos trabalhadores ou nas pretensões de encaixar os países em desenvolvimento no esquema conceitual da sociedade pós-industrial.

No terceiro e último capítulo, a proposta metodológica de relacionar as fases do turismo às transformações sociais de longo alcance foi mantida, porém o referencial teórico do pós-industrialismo foi substituído pela teoria do informacionalismo elaborada por Manuel Castells. Adotar o informacionalismo como modo de desenvolvimento do sistema capitalista implicou em redefinir o marco histórico inicial da mais recente fase do turismo e a própria denominação desta fase. Desta forma, as crises do petróleo nos anos 70 foram sugeridas como acontecimento histórico inaugural da última fase do turismo, denominada de informacional por conta do surgimento de um novo modo de

desenvolvimento do sistema capitalista. Identificar as características do turismo informacional que começou a tomar forma a partir dos anos 80 é um desafio para a imaginação sociológica de todos aqueles interessados em compreender o fenômeno das viagens modernas sob uma nova perspectiva.

Referências bibliográficas

- BAHL, Miguel (org.). *Perspectivas do turismo na sociedade pós-industrial*. São Paulo : Roca, 2003.
- BARRETTO, Margarita. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. 9ª ed., Campinas : Papirus, 2000a.
- BARRETTO, Margarida. As ciências sociais aplicadas ao turismo. In: SERRANO, Célia Maria de Toledo; BRUHNS, Heloísa Turini (orgs.). *Viagens à natureza: turismo cultura e ambiente*. Campinas : Papirus, 1997.
- BARRETTO, Margarita. *Planejamento e organização em turismo*. 6ª ed. Campinas : Papirus, 2001.
- BARRETTO, Margarita; BURGOS, Raúl; FRENKEL, David. *Turismo, políticas públicas e relações internacionais*. Campinas : Papirus, 2003. (Coleção Turismo)
- BELL, Daniel. *The coming of post-industrial society: a venture in social forecasting*. New York : Basic Books, 1976.
- BELTRÃO, Otto di. *Turismo: a indústria do século XXI*. Osasco : Editora Novo Século, 2001.
- BENI, Mario Carlos. O profissional do turismo na sociedade pós-industrial. In: GASTAL, Susana (org.). *Turismo investigação e crítica*. São Paulo: Contexto, 2002. (Coleção Turismo Contexto)
- CASTELLI, Geraldo. *Turismo: atividade marcante*. 4ª ed. revisada e ampliada. Caxias do Sul : EDUCS, 2001.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*; v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CLARK, Colin. O futuro do lazer. In: LOCKWOOD, Andrew; MEDLIK, S. (orgs.). *Turismo e hospitalidade no século XXI*. Barueri : Manole, 2003.
- COOPER, Chris; FLETCHER, John; WANHILL, Stephen; GILBERT, David; SHEPHERD, Rebecca. *Turismo: princípios e práticas*. 2ª ed., Porto Alegre : Bookman, 2001.
- DE MASI, Domenico. *O futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial*. 3ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: UnB, 1999.
- DE MASI, Domenico (org.). *A sociedade pós-industrial*. 3ª ed., São Paulo : Senac, 2000.
- DIAS, Reinaldo. *Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil*. São Paulo : Atlas, 2003.
- DIAS, Reinaldo. *Sociologia do turismo*. São Paulo : Atlas, 2002.
- GASTAL, Susana (org.). *Turismo investigação e crítica*. São Paulo : Contexto, 2002. (Coleção Turismo Contexto)
- GASTAL, Susana (org.). *Turismo: nove propostas para um saber fazer*. Porto Alegre : Edipuc, 2000.

- GOELDNER, Charles R.; RITCHIE, J. R. Brent; McINTOSH, Robert W. *Turismo: princípios, práticas e filosofias*. 8ª ed., Porto Alegre: Bookman, 2002.
- KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1989.
- LAGE, Beatriz Helena G; MILONE, Paulo César. *Turismo: teoria e prática*. São Paulo : Atlas, 2000.
- LICKORISCH, Leonard; JENKINS, Carson L. *Introdução ao turismo*. Rio de Janeiro : Campus, 2000.
- LUCHIARI, Maria Tereza (orgs.). *Os olhares contemporâneos sobre o turismo*. Campinas : Papirus, 2000.
- MOLINA, Sergio. *O Pós-Turismo*. São Paulo : Aleph, 2003. (Série Turismo)
- PAIVA, Maria das Graças de Menezes. *Sociologia do turismo*. Campinas : Papirus, 1995.
- PEARCE, Douglas G. Introdução. In: PEARCE, Douglas G.; BUTLER, Richard W. *Desenvolvimento em Turismo: temas contemporâneos*. São Paulo : Contexto, 2002.
- PORTUGUEZ Anderson Pereira. *Agroturismo e desenvolvimento regional*. 2ª ed. São Paulo : Hucitec, 2002.
- REJOWSKI, Miriam. *Turismo e pesquisa científica: pensamento internacional x situação brasileira*. Campinas : Papirus, 1996.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 4ª ed. São Paulo : Cortez, 1997.
- SERRANO, Célia Maria de Toledo; BRUHNS, Heloisa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza D. P. (orgs.). *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. Campinas : Papirus, 2000.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *Turismo e qualidade: tendências contemporâneas*. 7ª ed., Campinas : Papirus, 2001a.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Trigo. *A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo*. 5ª ed., São Paulo : Papirus, 2001b.
- TODD, Graham. Viagem e turismo na atualidade. In: LOCKWOOD, Andrew; MEDLIK, S. (orgs.). *Turismo e hospitalidade no século XXI*. Barueri : Manole, 2003.
- URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo : Nobel, 1996.
- WAICHMAN, Pablo. *Tempo livre e recreação: um desafio pedagógico*. São Paulo : Papirus, 1997.
- WEILER, Betty. Pesquisas e teorias de turismo: uma revisão. In: LOCKWOOD, Andrew; MEDLIK, S. (orgs.). *Turismo e hospitalidade no século XXI*. Barueri : Manole, 2003.
- YOUELL, Ray. *Turismo: uma introdução*. São Paulo : Contexto, 2002.